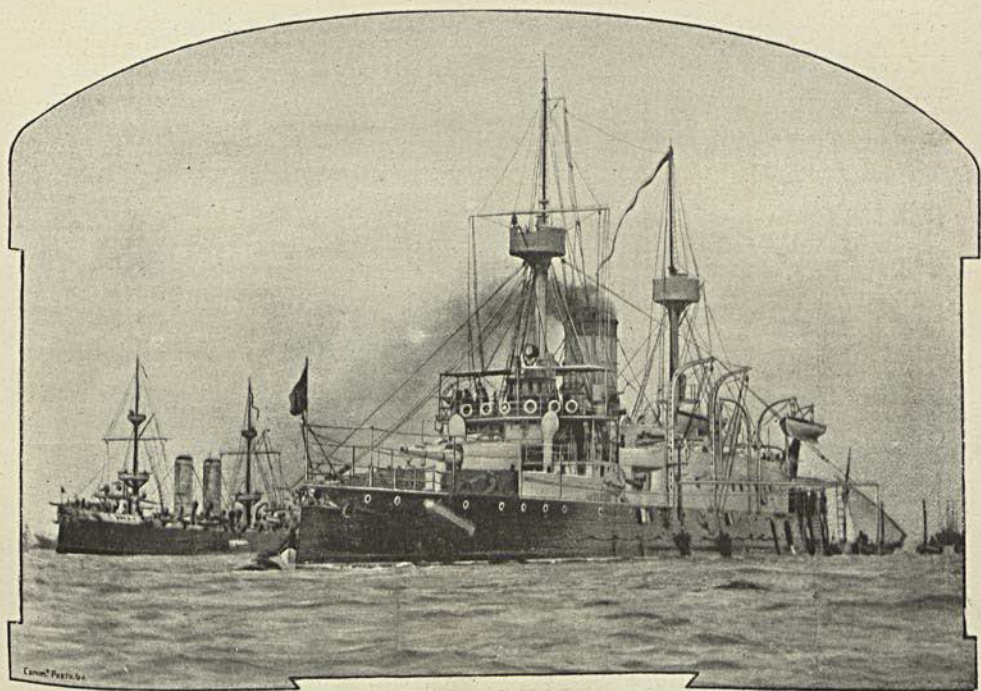


# BRASIL-PORTUGAL

1 DE MAIO DE 1901

N.º 55

## *Couraçado Floriano*



Phot. de Arnaldo Fonseca

Ao fundo á esquerda vé-se o cruzador D. CARLOS  
que foi ao Rio de Janeiro por occasião das festas do centenario, e cuja visita o couraçado FLORIANO veio agora retribuir



O facto mais sensacional da actual quinzena politica é a visita da esquadra italiana a Toulon, para saudar em nome de Victor Manuel III o presidente Loubet. Qualquer que seja o alcance d'esta manifestação, é indubitavel que o seu significado não pôde passar despercebido. A politica das novas alianças começa a desenhar-se lentamente no horizonte. A razão d'esta aproximação das duas nações latinas está de resto na logica dos acontecimentos. Os agrupamentos politicos actuaes — quer o da triplice aliança, quer o da dupla — são mais combinações de ocasião, do que estados de equilibrio permanente e duravel. A Italia encontra-se emagada pelos pesadissimos sacrificios militares, que lhe impõe a sua aliança com as potencias da Europa central. Além d'isso vê a todo o momento o seu commercio e a sua industria á mercê de uma guerra de tarifas, que a França lhe pôde promover, como já o fez não ha muito em repressão á politica francophoba de Crispi. Não admira, pois, que o ministro Zanardelli tente orientar na direcção da França a sua politica.

Por outro lado a França começa a estar desiludida a respeito da efficacia da tão apregoiada aliança com a Russia, aliança que até agora apenas tem servido para esta ultima potencia acudir ás suas difficuldades financeiras á custa da credulidade franceza. Não admira, pois, tambem que sentindo demasiadamente glaciaes os ventos, que lhe sopram de S. Petersburgo, o sr. Delcassé procure as brisas tepidas que do lado de Roma lhe promettem mais confortavel temperatura.

Ora precisamente um incidente das festas franco-italianas de Toulon veio sublinhar a significação, que ellas pôdem ter n'um futuro não muy remoto, significação que particularmente nos interessa a nós portuguezes.

Conjunctamente com a esquadra italiana apresentou-se a saudar o presidente da republica franceza um navio de guerra hespanhol, cuja officialidade foi alvo de espequios obsequios por parte das autoridades francezas.

Para quem tem seguido com attenção o movimento da opinião em Hespanha, expressado pela unanimidade da sua imprensa a proposito da declaração da aliança luso-britannica, não deve passar despercebida a presença do *Pelayo* nas aguas de Toulon.

É evidentemente a resposta do governo de Madrid ás festas de Lisboa em honra da esquadra ingleza. Irá, porém, mais longe esta resposta e constituirá ella o primeiro passo para uma aliança italo-franco-hespanhola? É o que o futuro se encarregará de pôr a claro. Em todo o caso é possível, que mais uma vez a França se engane nos seus calculos, pois sobre a Italia pesa além da influencia da Alemanha, que pôde estar diminuindo a influencia da Inglaterra, que conserva em Roma, apesar de tudo, o seu antigo valor.

A questão da Manchuria, que se converteu por agora no principal episodio da questão chinesa está longe ainda de se achar liquidada.

A respeito da convenção negociada entre a Russia e a China reza a maior incerteza. Foi assignada? Não o foi ainda? Ignora-se completamente. Segundo alguns correspondentes o ministro Russo em Pekim insiste pela conclusão, tendo até recusado ao governo chinês a prorrogação do prazo para a assignatura. Segundo outros, a assignatura vaie realizar-se em breve, desistindo a Russia de algumas clausulas, que mais directamente feriam a Inglaterra, como a do protectorado russo sobre a Mongolia e Turkestan. Finalmente segundo alguns, que se dão por melhor informados, o tratado será pura e simplesmente posto de parte ante a opposição das potencias, especialmente da Japan, o qual pela voz do seu ministro dos negocios estrangeiros e do proprio marquez Ito, presidente do conselho, categoricamente declarou não concordar com a interpretação dada pelo conde de Bülow no *Reichstag* ao convenio anglo-allemao para a manutenção da integridade da China. Veremos o que se dá d'este episodio enxertado á ultima hora no *imbroglio* chinês, já de si tão complicado.

Depois de escripto o que fica acima a respeito da questão da Manchuria, chega-nos a noticia, d'esta vez parece que offesal de que a China se recusa terminantemente a assignar o tratado, apesar de todos os esforços de Li Hung-Chang convertido agora em paladino dos interesses e ambições da Russia. A que se deve este subitovrimento da corte chinesa, ha tanto tempo infundada á politica moscovita? A diversas causas, entre as quaes avultam a opposição do Japão, os protestos das potencias aliadas, e as energicas representações dos vice-reis da Yang-Tse Kiang, os quaes com uma coragem e um heroismo raros em mandarins chineses declararam ao imperador Kuan-Hsu não reconhecerem a convenção, ainda quando ella viesse a ser assignada.

Assim, por agora o tratado Tseung-Alexeieff ficará sem effeito, embora Li-Hung-Chang n'uma entrevista com o correspondente do *Times* persistisse em affirmar, que apesar de tudo a convenção será assignada. O que é indubitavel é que a politica russa no extremo oriente acaba de sofrer um chôfro. O Japão tirou a desforra da opposição da Russia ao tratado de paz de Shimonsaski, o qual sem a attitude do gabinete de S. Petersburgo teria vingado. A Inglaterra procurou compensação á sua imperdoavel aquiescencia na questão de Porto Arthur. Finalmente o partido propriamente chinês da corte conseguiu uma verdadeira victoria sobre o partido mandchu, que é em Pekim o estremo advogado da politica russa. Resta apenas saber como a Russia suportará esta humilhação. A este respeito a declaração do sr. de Giere a Li-Hung-Chang deixa prever importantes acontecimentos. «A attitude da Russia para com a China no futuro será a da maior severidade», taes foram as palavras do ministro russo.

Emquanto assim continúa imperturbavel, através de todas as opposições, a sua politica de expansão territorial, debate-se a Russia no interior em difficuldades para ella bem mais graves. O movimento de protesto dos estudantes, que de principio se suppozera apenas limitado aos circulos academicos, alastrou-se rapidamente por todo o imperio, encontrando adhesão em outras classes sociais, e assumindo as proporções de uma vasta manifestação revolucionaria. As priões estão atuladas. Contam-se por centenas os deportados para a Siberia. Os tribunales marciais não cessam noite e dia na sua terrivel actividade. Finalmente a censura mais intacavel da que nunca, amordaça os ultimos restos da liberdade de pensamento. É mesmo difficil fazer-se no estrangeiro uma ideia, ainda que approximada, do que n'este momento se está passando na Russia, por motivo da absoluta ausencia de noticias. O governo do tzar, ou não as deixa absoluta e completamente circular, ou falseia-as para occultar a extensão e o verdadeiro caracter do movimento.

Pôde em todo o caso affirmar-se pelo que a imprensa ingleza e allemã nos revelam (da imprensa franceza é inutil fallar, completamente muda a respeito de tudo quanto é desfavoravel ao governo moscovita), que o povo russo está actualmente atravessado em dos periodos mais criticos da sua historia.

É em verdade singular, e offerece motivo para bem amargas reflexões, que seja Nicolau II, o sympathico promotor do congresso da paz, quem autorise as cruéis perseguições, que estão deshonrando a Russia perante a humanidade.

É sabido que, apesar do cruel despecho da ultima guerra turco-hellenica, e não obstante o *velo* das potencias á incorporação de Creta á Grecia, nunca esta ultima nação deixou de nutrir a esperança de que cedo ou tarde as suas aspirações seriam satisfeitas. Contribuiu principalmente para esta quasi certeza de ver realisados os seus sonhos de megalomania a nomeação do principe Jorge como governador da ilha cobigeada. Os patriotas de Athenas não tinham a tal respeito a menor duvida. O actual estado de cousas era apenas um curto compasso de espera, a que se seguiria a annexação definitiva. Pela sua parte o governo, não desejando indispôr-se com as aspirações nacionaes, foi animando por meias palavras, ou por um propositado silencio, a esperança popular cada vez mais fortalecida pela attitude dos ministros.

Parece, porém, que a hora da desillusão chegou. Apesar dos artigos da imprensa officiosa d'Athenas, a nota das potencias, notificada ao principe Jorge por intermedio dos consules geraes em Caméa, é sufficientemente clara e explicita. Nem Creta será annexada á Grecia, nem esta nação exercerá sobre a ilha qualquer protectorado, nem mesmo se admitirá a substituição da occupação internacional por tropas gregas, o que ao menos lionjearia o amor-proprio dos hellenos.

Accresce a esta circumstancia o facto de não ser das mais invejaveis a posição do principe Jorge. O artigo da lei eleitoral que creve, que nenhum deputado possa tomar assento na Assemblia legislativa, sem ter provado haver residido ha cinco annos pelo menos na ilha, levantou uma justificada opposição, pois é sabido que por motivo da ultima revolta um grande numero de individuos da maior importancia tiveram de se expatriar, e nos termos da legislação vigente ficam por este facto inhabilitados de prestar á reconstituição do paiz o seu valioso concurso. É talvez em virtude da má vontade, que esta disposição da lei eleitoral lhe creou entre os cretenses, que o principe insiste em solicitar a renovação do actual mandato, que expira no fim do presente anno.

Se ao menos elle pôdesse ter conseguido a annexação á Grecia ou o protectorado hellenico, ainda o descontentamento dos cretenses acharia compensação na aspiração nacional realisada. Assim, porém, a situação do principe Jorge é bastante precaria. Veremos o que as potencias decidem, no caso de ter que retirar-se o actual governador.

A situação parlamentar do ministerio Zanardelli não é das mais propicias ao bom andamento dos negocios publicos na Italia.

A maioria da camara dos deputados é-lhe francamente hostil, e não perde a occasião de por todos os modos lh'o manifestar. Tendo de substituir na commissão do orçamento os seis logares vagos pela nomeação de seis dos seus membros para ministros, elegeru seis deputados da opposição, condemnando por esta attitude desde logo summariamente os projectos financeiros do governo. Igual hostilidade demonstrou na nomeação da commissão encarregada de examinar os projectos economicos do ministerio. Apesar de todos os esforços do sr. Zanardelli é a opposição, quem domina na referida commissão.

O conflicto está, pois, aberto; e embora a solução indicada seja a dissolução do parlamento (pois não é crível que o rei dê a demissão ao ministerio por este se achar em minoria n'uma camara, que já se sabia que lhe devia ser contraria) não deixa esta solução de apresentar os seus inconvenientes, sendo certo, por outro lado, que quanto mais tardar mais desvantajosa será para o governo.

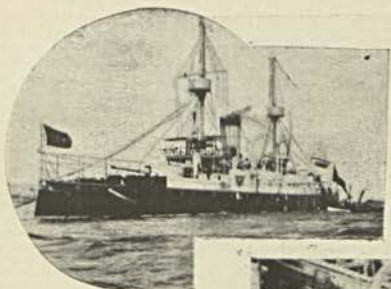
Tem-se abusado demasiadamente na Italia do expediente das dissoluções, que no fim de contas quasi que aproveitaram até hoje apenas aos socialistas e aos radicaes republicanos. Não acontecerá agora o mesmo?

D'esta dupla difficuldade — de continuar com a actual camara, e de a dissolver — resulta para o governo do sr. Zanardelli uma situação bem instavel e difficil.



# A visita do couraçado brasileiro

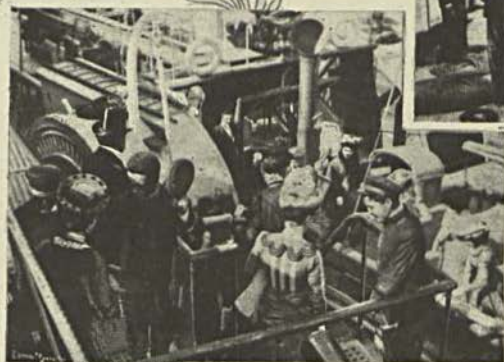
## Floriano



O couraçado *Floriano*



**Dois photographeos em flizante**  
O commandante Ilacitar e o novo collaborador e o novo collaborador photographando um grupo de scuhoras



**Os visitantes**

**D**URANTE OS dezesset dias que o couraçado brasileiro tem estado sobre as aguas do Tejo, d'este rio ão cantado pelos poetas peninsulares e muitas vezes lembrado em qzentes e mavisos versos brasileiros, foi uma ininterrupta festa seguida o mais de perto

possivel pela objectiva do collaborador photographico do *Brasil-Portugal*, que aqui deixa, atravez d'estas paginas, a historia figurada da sua visita. A recepção feita aos officiaes brasileiros teve um cambio de sinceridade, que é a confirmação absoluta dos intimos laços que unem os dois povos, falando a mesma lingua e orgulhando-se da mesma historia, e foram a grata retribuição — não tão brilhante mas igualmente sentida — da recepção que acolheu os officiaes da marinha portuguez a sua visita aos portos do Brasil, e da qual guardam recordações indeleveis os dois commandantes que ultimamente lá estiveram, os srz. conselheiro Ferreira do Amaral e contra-almirante Cypriano Lopes de Andrade.

### As festas

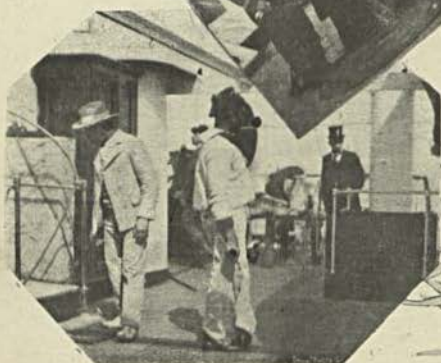
Trocados os cumprimentos officiaes e feita a apresentação dos officiaes pelo illustre ministro do Brasil nesta corte, houve as visitas a bordo, dos ministros da marinha e estrangeiros, dos officiaes superiores da armada, varias associações e entre estas a



**A Impeza**



**Grupo de scuhoras, a bordo**



Phot. de Aracido Ferreira.

**Os couraes** — Um marujo



**Os couraes** — Marinhaes brasileiros

da Sociedade de Beneficência Brasileira, sendo gentilmente oferecido pelo commandante o sr. Huet de Baecellar, que tño grandes sympathias tem creado pela extrema delicadeza do seu proceder e affabilidade inexcelsível de trato, taças de champagne, trocando-se sempre entre elle e as suas visitas saudações entusiasticas, tendo por objectivo a estima e a cordelidade dos dois povos, tño irmãos e tño afastados.

«Por muitas vezes é vista a seguinte»

que Canões cantou.

Mas não foi apenas o mundo official, que prodigalou attentões aos officios brasileiros. Muitas familias da primeira sociedade, conhecidas de alguns d'elles, reservaram-lhes tambem festas brillhantes, que no convivio mais intimo e alegre lhes deviam talvez lembrar essa alegria familiar de suas casas. Os almoços succederam-se quasi todos os dias, ora em terra, ora a bordo, uas officios, outros particulares, sendo o mais notavel o que foi oferecido pelo ministro da marinha, sr. Teixeira de Souza, junto do famoso Castello da Pena, depois de um passeio agradabilissimo a essa incomparavel Cintra cuja vegetação profusa recordaria por certo aos visitantes brasileiros a sombria vegetação da sua terra. No comboio expresso que os transportou de Lisboa iam, além do commandante do *Florianos*, os 1.º tenentes Graça Aranha, Oscar Braga, Frederico Villar, Marques de Noronha e Eduardo Proença, o 2.º tenente Alberto Nunes, o medico Costa Lima, os machinistas Alfredo Dutra, Moura e Carneiro e o construtor Revert, representante da empresa Forges et Chantiers. Os outros officios estavam de serviço a bordo. Eram ainda convidados do ministro da marinha os seus secretarios e pessoal do seu gabinete, o secretario geral do ministerio, o director geral de marinha, o major general da armada, o chefe do reino e deputados que são officios de marinha, os presidentes da Beneficência Brasileira e das associações dos Jornalistas e da Imprensa, os ajudantes de el-rei que pertencem á marinha, os commandantes dos navios surtos no Tejo, o dr. Lisboa, jornalista de S. Paulo ora em Lisboa, oconde de Avellar, etc.

Na pittoresca Cintra eram os excursionistas agudados pelas auroras e muito povo. Em carruagens partiram da *gare* para a villa, visitando o palaeo real, que tem o seu passado historico, percorrendo as varias salas, a alguemas das quaes a lenda e as pesquisas do archivo, mais ou menos fundamentadas, reservam logar no primeiro plano dos acontecimentos historicos.

Lá tem a sala onde se diz ter sido combinada e resolvida a triste empresa de Alcaeer-Kibir pelo joven D. Sebastião, e a sala notavel por ter sido prisão de tantos annos do pobre rei Affonso VI enganado e escarneado pela mulher e pelo marido: duas salas que recordam duas figuras originas de rei, o hysterico e juvenil monarcha, offuscado pela louca ambição de guerreiro, e o impotente e desditoso monarcha a quem as desgraças intimas dilaceraram o coração e que tinha apenas para si e para o seu povo uma unica esperança — o prestigio, ephemero como todos os que provem da popularidade, do seu grande estadista, o conde de Castello Melhor.

Depois da rapida visita ao palaeo real, as carruagens dirigiram-se para a Pena. A estrada que conduz até lá é que salpica em s e ra formosissima collina é um verdadeiro encanto, e assim se explica a admiração entusiastica que produz em todos, até mesmo nos que a sobem a miudo.

Pouco a pouco, á medida que nos aproximamos do artistico castello, essa verdadeira maravilha, construído pelo fallecido Rei Consorte D. Fernando, pertencente hoje ao Estado, o horizonte vaes alargando-se e



O camarote do commandante



Chegada da Beneficência Brasileira a bordo do *Florianos*



O almoço em Cintra — A charanga de marinheiros



A mesa do Junch

ausencia do ministro, que por incommodo de saúde não pôde assistir ao passeio. O primeiro brinde foi do sr. conselheiro Teixeira de Souza, saudava nos officios brasileiros o povo irmão nos dias de ventura como nos dias de amargura, povo cuja affinidade de raça, de lingua e de costumes o une ao nosso por laços naturaes, sem estar sujeito ás contingencias da politica internacional. Para essa alliança, que nos honra, não ha justificação nem de ordem politica, nem de ordem economica, porque os dois povos não conhecem barreiras e guiam-se apenas pelo coração, dispensando bem o trabalho das chancellarias. Reconhecem os portugueses no coraçao do *Florianos* um pedaço da nação brasileira e abraçam com camaradas da marinha de guerra do Brasil, saudando-os na pessoa do sr. Huet de Baecellar.

Vivas entusiasticos acolheram esta quente saudação, á qual respondeu o commandante do navio, assegurando necessariamente a união dos povos para a manutenção de cada nacionalidade. O *Portugal* tem hoje como aliado o Brasil, que foi a sua mais fina perola e que lhe deve o seu engrandecimento. Sauda esse povo irmão e a sua marinha.

Trocaram-se depois brindes ás duas marinhas entre o major general da armada, o commandante do *Florianos*, e o sr. conselheiro Augusto de Castello, havendo ainda outras saudações muito interessantes. O *Portugal* fez-se um bello discurso do 1.º tenente Graça Aranha, que se revelou um improvisador brillante.

Esta festa foi das que mais deve ter impressionado a officialidade brasileira.

O Chefe do Estado no dia em que lhe foram apresentados os officios brasileiros deu em sua honra um banquete ao qual assistiram os conselheiros de Estado, ministros effectivos, e officiaes-mores em exercicio. A Rainha dava a direita ao ministro do Brasil e a esquerda ao presidente do conselho. O commandante Baecellar sentou-se á direita da duquesa de Palmella a quem El Rei dava a direita.

Não houve brindes, mas houve-os e bem entusiasticos, a bordo, quando as magdaldas foram visitadas e coraçoadas, cujas cobertas tinham sido expressamente adornadas com flores.

Ao *lunch* offerecido ao chefe do Estado, o primeiro brinde foi do commandante a Sua Magestade e a Portugal, correspondendo El-Rei com outro ao Brasil e ao dr. Campos Sales.

A Rainha offereceu á officialidade brasileira uma lindissima *corbeille* com fitas de seda, azul e branca, e uma dedicatória em francez.

Dignos de registro são ainda as duas festas da legação do Brasil, e a amabilidade tão graciosa da esposa e das filhas do sr. Mello Alvim durante grande realce. A primeira festa foi um jantar, servido n'uma casa de jantar que era um encanto e n'uma baixela rica e de gosto; a segunda um *raout* em que se conversou animadamente, em que se ouviu esplendida musica executada por um sexteto e no atrio á entrada do palaeo, pela banda do *Florianos*; e em que se saboreou um *menu* deliciosissimo de finas iguarias n'uma ceia servida com a rara perfeição das festas mais sumptuosas.



Não devemos destacar ainda da série dos festejos em honra do *Florianos*, o espectáculo organizado pela Associação dos Jornalistas, no theatro normal, que especialmente foi ornamentado n'essa noite. A entrada, os bustos de Emilia das Neves, a grande actriz já morta e de Almeida Garrett, o reformador do theatro portuguez, foram engrandados de filares e outras flores, tendo nos pedestaes, massiços de folhagem e rosas. A concorrência foi das mais distintas e das mais ricas, pois o producto da receita, por accordo geral entre a direcção da Associação e a empresa do theatro, reverteu a favor da Sociedade de Beneficencia. Estava aberta e illuminada a tribuna real — por uma concessão especial — interiormente repleta de plantas e flores que produziam um lindo effecto.

O espectáculo compunha-se da comedia historica *Peraltas e Secios*, o trabalho theatral mais primoroso do dr. Marcellino Mesquita, e incontestavelmente uma das comedias mais bonitas dos ultimos tempos. Mas ao levantar-se o panno, quando a officialidade appareceu nos seus camarotes, executou-se o hymno brasileiro, apparecendo em scena, por uma amavel deferencia para com os illustres brasileiros, todos os principaes actores da companhia, vestindo casaca, e a actriz Cecilia Machado trajando de cor de rosa, que leu uma poesia do dr. Alfredo da Cunha, director do *Diario de Noticias*, *A Saudação*. Seguiram-se depois o actor Ferreira da Silva dizendo outra poesia de Lopes de Mendonça, *As brasileiros que nos visitam*, e o actor Carlos Posner, outra, do director d'esta Revista Jayme Victor, intitulada *A alma d'este povo*. Artistas e poetas foram saudados com o mais espontaneo entusiasmo. E no final, como coroa d'esta festa, o venerando presidente da Associação, o antigo jornalista Brito Aranha, levantou um viva ao Brasil e á sua marinha, a que correponder o tenente Villar com outro a Portugal e á armada portugueza.

Nos camarotes viam-se com suas familias o presidente do conselho, os ministros dos estrangeiros e da marinha; o ministro e o consul do Brasil, o presidente da Sociedade de Beneficencia, os representantes da



Em Cintrá: Brito Aranha, decano dos jornalistas portuguezes, Eduardo de Noronha, das *Noticias*, Moraes Pinto, do *Pimpo*



O commandante, Bacellar e o official da marinha portugueza, Bandeira, desce das escadas da Pena

ao convex couraçado 4<sup>o</sup>; valado a ré 4<sup>o</sup>; secção maxima immersa 56<sup>o</sup>5,74; deslocamento para o calado de 4<sup>o</sup> 3.162.500; força da machina em cavallos indicados, tiragem natural 3.400 cavallos; velocidade 15,25 knots.

Pezos approximados correspondentes ao deslocamento fixado:

Casco metallico, colcho da couraça, divisões internas e accessorios do casco 1.027 toneladas; couraça e parafusos 1.066,300 toneladas; artilharia e munições 323 toneladas; tubos submarinos e material torpedos 350,300 toneladas; armamento movel 56 toneladas; embarcações 13 toneladas; mastreação, apparelho e velame 15 toneladas; machinas auxiliares 30 toneladas; apparelhos motores e vaporadores 3335,300 toneladas; carvão para 3.000 milhas e 10 knots 190 toneladas; tripulação e bagagem de 200 homens 23 toneladas; Mantimentos para 7 semanas e 15 dias d'agua 37 toneladas; sobressaltos 15,200 toneladas; total 3.162,500 toneladas; carvão das carvoeiras supplementares 60 toneladas; deslocamento maximo 3.222,500 toneladas.

O machinismo:

As machinas são de triplice expansão de força indicada de 3.400 cavallos de 75 kilos, alimentadas por oito caldeiras systema d'Allest divididas em quatro grupos, sendo dois a vante e dois a ré. Estes grupos são independentes mas não o são as caldeiras que compõem cada um d'elles. Da antepara de ré das machinas motoras até a antepara de vante da carvoeira transversal de proa existe um duplo fundo que sobe até a parte inferior da couraça o qual se estende até debaixo dos paizos de munições de ré e de vante, porém só subindo até o limite das



O almoço em Cintrá — Os convidados

No trem; o ministro da marinha, sr. Teixeira de Sousa, tendo á direita o commandante Haas Bacellar, em pé o conde de Mesquitaella, administrador do concelho de Cintrá

anteparas lateraes externas de cada bordo. O navio é protegido em todo o comprimento por uma couraça de 1.700  $\frac{m}{m}$  de altura a meia ná, tendo 700  $\frac{m}{m}$  acima da linha d'água e 1<sup>a</sup> abaixo. A espessura da couraça a meia ná é de 350  $\frac{m}{m}$  e diminui a ré até 150  $\frac{m}{m}$  e para a prúa até 180  $\frac{m}{m}$ . O couveç couraçado é formado de chapas sobrepostas com a espessura total de 85  $\frac{m}{m}$ .

A couraça das torres é da espessura de 300  $\frac{m}{m}$  e os cilindros que protegem os elevadores de munição tem couraça da espessura de 180  $\frac{m}{m}$ . Os reductos dos canhões de 12  $\frac{m}{m}$  são protegidos por couraça de 55  $\frac{m}{m}$ . As passagens das munições de 12  $\frac{m}{m}$  são protegidas por couraça de 50  $\frac{m}{m}$ . A torre do commando é protegida por couraça de 100  $\frac{m}{m}$ .

O armamento de um canhão de 245  $\frac{m}{m}$  avante em torre e outro a ré também em torre, cada um com 80 tiros; 4 canhões de 120  $\frac{m}{m}$  em reductos com 150 tiros por canhão; 6 canhões de 57  $\frac{m}{m}$  em bateria na tolda com 400 tiros cada um; 2 canhões de 37  $\frac{m}{m}$  no passadiço e 2 canhões máxims automaticos, nas plataformas dos mastros que são em numero de dois; 2 metralhadoras de 7,5  $\frac{m}{m}$  para desembarque e dois canhões de campanha, calibre 75  $\frac{m}{m}$ , também para desembarque.

Dois tubos submarinos systema Armstrong, atrazado torpedo Whitehead de 450  $\frac{m}{m}$ .

As torres dos canhões de 245  $\frac{m}{m}$  são situadas uma avante e outra a ré de firma a atirarem com um campo de tiro de 250 graus. São manobradas porapparehos electricos e também a mão. Todo o serviço da artilharia é feito por apparehos electricos e cada canhão é servido por seu elevator.

**Iluminação e força motriz electricas:**

O navio tem 4 dynamos, dirigidos por 4 machinas a vapor compound de Sauter-Harlé de 400 ampéres cada uma. Tres machinas, são suficientes para todo o serviço do navio, ficando uma de sobressalente. A iluminação, comprehende 200 lampadas de encandescencia de 10 vólts cada uma, os pharos de signal são do systema Courç; 4 pharos de navegação com lampadas de 50 vólts; 7 lampadas portateis para os portales e couveç, tanto a vante como a ré; 2 projectores moogin de 60  $\frac{m}{m}$  de diametro e 30.000 vólts manobradas a distancia; 4 motores para a couveç dos canhões de 24  $\frac{m}{m}$ ; 4 motores para os elevadores de munição de 12  $\frac{m}{m}$ ; 3 motores para ventiladores e 1 para uma bomba centrífuga de serviço hygienico a bordo.

**Para fundear:**

Tem o navio um molinete a vapor e um cabrestante no couveç couraçado, que permite dar movimento ao molinete. Duas ancoras de 2.200 kilos cada uma, collocadas nas rapoças, com 480 metros de auartra de sobressalente, aliás, de 44  $\frac{m}{m}$ ; uma ancora de sobressalente, tambem de 2.200 kilos collocada no contrafio a EB e mais dois ancorotes, um de 1.200 kilos e outro de 700 kilos, com 180 metros de corrente de 30  $\frac{m}{m}$  de diametro.

**Embarcações:**

Uma lancha a vapor de 8<sup>m</sup>,50 de comprimento; uma dita de remos de 9<sup>m</sup> de comprimento; um escaler a remos de 8<sup>m</sup> de comprimento, com um motor a petroleo «auto-mobiles»; dois escaleres de serviço de 7<sup>m</sup>,5 de comprimento; uma balieira de 8<sup>m</sup> de comprimento; um escaler de 5<sup>m</sup> de comprimento; uma chalana de 3<sup>m</sup>,5 de comprimento e um bote de 3<sup>m</sup>,5 de comprimento.

**Segoto do navio:**

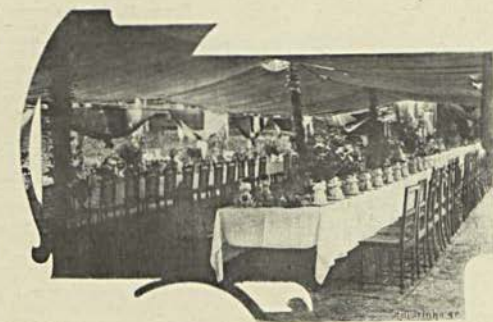
Além das bombas já descriptas tem mais o navio uma bomba de comprimir ar; duas machinas de lavar cinzas; um guineho a vapor para lavar escaleres; um motor a petroleo para a officina da machina; um dynamo para iluminação de policia, podendo servir de motor das officinas quando funcionarem as caldeiras; quatro ventiladores a vapor para as caldeiras, além das outras machinas que servem exclusivamente para o serviço dos motores.

**Acomodações:**

Na coberta acham-se os aposentos do commandante e do segundo commandante e mais a bibliotheca, a caixa dos chronometros e ao lado o camarim do detalhe. No couveç, a principiar de vante, ha a enfermaria com 4 leitos fixos e 2 moveis, banheiro e latrina. Seguem-se a BB, a pharmacia e 4 camarotes de dobra para inferiores. A EB, 1 camarote de dobra, uma arrecadação para ferramentas, dispensa, alojamento dos inferiores. A meia ná, principiam os alojamentos dos machinistas, terminando na ante-praça d'armas, tendo a EB um camarote com 4 beliches e em seguida a caixa das sobras da bomba de ar, segue-se depois mais 1 camarote de dobra, a dispensa e a sala de refeição. A BB um camarote de 4 beliches, a caixa das sobras da bomba de ar, 1 camarote de dobra, banheiro, latrina e mais 2 camarotes de dobra. Na ante-praça d'armas, existem 9 camarotes, dos quaes 2 são de dobra, banheiro, latrinas, dispensa dos officiaes, e salão de refeição dos mesmos. Na coberta da superestrutura existem a vante, as latrinas dos inferiores e a da guaranição; ambas a EB e a BR, os banheiros da guaranição e dos inferiores.

No porto fundeado quando as caldeiras estão apagadas, para a iluminação e serviço sanitario, ha um motor a petroleo da força de oito cavallos.

Este motor acciona uma bomba electrica que fornece 3.000 litros

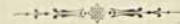


Phot. de Anselmo Ferreira

Almoço em Cintra — A meza

d'água, que com os 2.000 da circulação do proprio motor prefazem 5.000 litros d'água para os tanques sanitarios; acciona os ventiladores electricos e alimenta 60 lampadas de 18 vólts cada uma para a iluminação de policia.

D. HERT BACELLAR.



## A Alma d'este Povo

AO BRASIL

Versos recitados pelo actor Carlos Pinna na recita offerecida pela Associação dos Jornalistas á officialidade do couveço do Florianão.

«*Quo vadis?*» perguntou o apóstolo assombrado.

E o Christo respondeu piedoso e magoado:

«Vou para esse logar

D'onde tu desertaste. E se ha necessidade

De que eu ainda outra vez resgate a Humanidade

Deixar-me-hei crucificar.»

«*Quo vadis?*» perguntou á alma portugueza

Quinze seculos depois, tomado de surpresa,

O impenetravel destino

«Olhos fitos no ideal, n'um sonho de poeta,

Vou pelos mares fóra alargar o planeta

Nas mãos de bronze erguendo o estandarte divino.»

E foi. E derramou seu sangue como Christo

E nova Era abriu n'um feudo nunca visto.

Deu ao mundo moinhos novos,

Rasgou de par em par as portas do Oriente,

E para eternisar essa epopeia ingente

Levantou um poeta á admiração dos povos.

Era tudo? Ainda não. Muito faltava ainda.

Não. Não fora atingido o ideal. Não 'stava finda

A missão de Portugal,

*Quo vadis?* Vou ao fim d'esta longa jornada.

Ao Cruzeiro do Sul, á terra tão sonhada,

Vou pela mão de Gabral.

Tocava o seu zenith a alma d'este povo

Que, gloriosa, engastava em diamante novo

No seu rutilo diadema.

E venceu. E o clarão do astro, ciumento

De a vér pairar tão alto em outro firmamento,

Fechou n'um canto ideal o colossal poema.

O Brasil era nosso. A perola do Oceano

Teve-na sua c'roa o velho lusitano

Que a estremeceu como filha.

Hoje, senhor, maior, liberto da tutela,

Não manda ao nosso Tejo a fragil caravela

Onde entornava oiro a Terra maravilha.

Hoje n'um couveço, svelto, gracioso

É uma saudação que esse paiz formoso

Nos manda por filhos seus.

Saudemol os tambem a esses marinheiros

Que nas aguas do mar, sob todos os cruzeiros,

Têm esta religião: Patria, Família, Deus.

Saudando-os é o Brasil immenso que saudamos:

Os poetas, os heroes, a lingua em que pensamos,

A arte, a paisagem, a Historia.

A patria portugueza é lá que continúa.

Saudando no Brasil a tanta gloria sua,

Saudamos juntamente a nossa maior gloria.



# Historia do Batei Vae com Deus e da sua companhia



## INVERNO — OS POVEIROS

**D**e verão, d'inverno o céu differe. Não ha um pôr de sol igual a outro. Veem-se poentes todos d'ouro, cêo em brasa, mar azul, uma poeira luminosa cabindo sobre as agnas, e o sol descendo redondo, rutilo, immenso; ha-os cheios de tristeza, com tintas de saudade — e nublados, allictivos, diffusos. D'inverno quasi sempre uma parede de nuvens, parda e compacta, barra o cêo, o mar enlameado e uniforme é um gigante vagalhão a rugir coleras e parece que ao entardecer se ouvem gritos de afogados longinços e perdidos. De estio agglomeram-se nevoas com formas prodigiosas de sonho — chimeras e monstros — e o sol ensanguenta-as, rasga-as, de brua-as d'ouro, espargindo luz e tintas sobre a poeira dispersa no ar. Outras tardes direiis que o mar engrandece, prodigioso e callado, vago e triste como um sonho...

A irmã casada lá vivia em Paramos. O moço, já homem, tinha dois filhos que, como elle outr'ora, consumiam a velha, que passava o seu tempo correndo atraz dos pequenos — Esperae! esperae! — e os dias pareciam identicos, cheios de fadiga e de perigos. Sempre o Mar!... A mulher era da Povoá — e por vezes, nas lanchas arribadas, appareciam-lhe em casa parentes, tios, cunhados. Cosinhavam caldeiradas de peixe miúdo, berravam n'uma algazarra difficil de perceber, porque até a sua lingua é differente.

São os homens mais ignorantes, mais bronzes da costa. Cabeças quadradas, ruios latagões infatigáveis — nascidos para o mar e que só conhecem o mar.

Destemidos lançam-se sobre o oceano bravo, clamando, injuriando-se, escorrendo agua salgada, partem para a pesca, com temporaes deficitos, morrendo no vagalhão colérico, uns atraz dos outros, enquanto as mulheres na costa clamam d'afflicção.

O peixe rareia. Um anno passa, outro anno, e a pesca diminue. Esse campo verde e infinito, eternamente lavrado pelo pescador cortado de quilhas, parece que se cança de produzir. Não se exgota, mas o peixe perseguido acaba por desaparecer. Os vapores de pesca, a rede de malha miúda que mata a criação, a guerra incessante do homem, terminaram por augmentar da costa a pescada, o ruivo — o peixe grãdo, que outr'ora se tirava do oceano aos centos. E isto é a miseria, é o pão que falta, com a fillarada em torno pedindo-o. Povoações que armavam outr'ora uma duzia de barcos — tem hoje uma lancha. O sr. Governo — é assim que os pescadores conhecem o Estado — consentindo na exploração do mar pelos vapores, reduziu as povoações costeiras á miseria.

E a fome. O pescador não sabe fazer mais nada. Ronda, olhando o mar. Os barcos que vão ao oceano voltam quasi vastos. A agua parece amaldiçoada; em casa a mulher afflicta chora, triste e silenciosa, os filhos berram — e o homem olha para o grande mar sotano e profundo, que não sustenta. A certas horas d'inverno, acovardado o horizonte, o atlantico parece negro, revoltado, tragico. De noite só se ouve aquella luz na escuridão. Não se vê senão treva e sente-se no negrume o agitar prodigioso de centenas de leguas de agua a clamar na noite... E a fome! é a fome a prégar! O mar não dá nada! nem o sustento do pescador!... O mar que foi outr'ora a alegria e a abundancia, o mar é maldito. Secou — é a Miseria. El-o esteril.

E o pescador emigra.

Sobretudo d'inverno a situação é allictiva. De verão ha a pesca do rio e com o mar manso e calmo não custa navegá-lo. Mas ir arriscar a vida, morrer na costa, para trazer no barco uma duzia de peixes!... E o mar immenso, com nuvens esfrappadas no céu, cinzento, o mar colérico e esverdeado, leva um a um os pescadores que a fome lhe atria.

De todos estes homens o unico que arrosta com o oceano, incansavel, toda a vida na agua, ou mar bravo, ou mar manso, é o poveiro. O poveiro nasceu no mar, é quasi um tritão. As mulheres envergonham-nos. Se é preciso levam-nos até aos barcos. Antes a morte que a fome dos filhos. E vêm se então sabir — a lancha no alto do vagalhão espumante, depois afundando-se, enquanto elles clamam n'um berreiro, remando de pé, quasi nus, um pedaço de boroa no cesto, indo arribar a Mattosinhos, á Foz, onde o vento os leva ou a sorte os conduz. O sul ulula agitando as agnas, a Morte passa e elles desaparecem no horizonte dentro dos seus barquinhos, remando infatigáveis, tendo nascido no mar e concedendo-o desde pequeninos.

A povoação foi miseravel. Duas vieiras sobre o areal, tocas de esquimãos, negras, fumarentas, tresandando a peixe, com varaes pescados na arca, e arrais secando ao sol para alimentimo de inverno. Em torno uma terra pedregosa e esfomeada, separada por muros de pedra solta, campos onde o milho cresce com um palmo d'altura. Abi viveram sempre diferentes e apartados de todo o resto da população, não se misturando, não se entendendo mesmo, costumes e typos arcaicos, nascidos acaso do proprio mar,

arribados Deus sabe de que terra, n'uma prancha de madeira, um tempo affastado e ignoto. Junto a elles vive o miuhoto — feio, moreno, pequeno e velhaco — o poveiro porém é brusco, enorme, ruivo, valeroso. Sustenta-se quasi de peixe. A mulher é fiera e forte. Trabalha como um escravo, parece um homem de saias — mas um homem rude, de punhos como traves, grossa, corta, negra e fecunda. Toda esta gente falla alto, berra, gesticula. As coisas mais simples dizem-se aos gritos. Porquê? Parece que o ruído da tempestade abafa as vozes. Ellas não se importam de trabalhar, são, como elles, infatigáveis. Remam, põem os hombros a um barco e empurram-no para o mar; carregam canastras com as redes encharcadas. Se ha temporal e os barcos não chegam, lá partem, com a saia pelos hombros, para a Foz, para Mattosinhos, para onde sabem que as lanchas podem arribar, vivendo n'uma perpetua afflicção.

— A estas horas está elle morto, sepultado n'aquelle mar... E no entanto esta gente bronca que castiga os seus santos, mettendo-os no mar, para que acalmem as agnas, é profundamente espiritualista. O seu cemiterio é lindo e d'uma tristeza allictiva e vaga. E' um recanto humilde, d'uma côr cinzenta, que direis acovardado até nos dias solheiros. Nas campas ha urnas de vidro com restos carcomidos — caveiras brancas, meia duzia d'ossos já gastos. Pertencem aos pescadores mortos no mar, vindos com quasi todos os cadaveres, dar á costa. O mar expulsa a morte do seu seio — á terra o que é da terra. Esses ossos humilides, que se vêem atravez do vidro, são os restos mortaes de Pedro, de Manuel, de Antonio!... E a materia, que o seu espirito — sente-se bem — roga á flor das vagas, nada na immensi-



Os bateis da sardinha



dão do mar, clama na tempestade, ovimol-o no u u da onda e em barcos phantasmas, nas noites presagas de temporal, reunidas de novo as companhias, remam, praguejam, revoltam-se sobre as vagalhões coloridos, uma outra vida de sonho... E são innumeros. Coalham o mar. Tantos! Infindáveis!... Velhos barcos desaparecidos, gerações e gerações, homens d'um século, d'outro, de epochas remotas, na mesma vida infatigável e monotonica, com a mesma morte, a mesma agonia, a mesma existencia afflictiva... Eh, povero, so mar!...

Ha poentes todos d'ouro e poentes d'uma simples e grande tristeza. Nem um se assemelha a outro. E' a cor, são as nuvens que diferem, as aguas, o céu — seja o que for. Descobre-se sempre uma tinta nova, dia a dia uma magia diversa. Ha verdes pallidos que absorvem, um sonho espalhado no céu que faz scismar, recortes de nuvens, bu-racos por onde jorra oiro em fusão, ascendencias de nevoas, pedacos onde se deram batalhas e outros onde habita a solidão e a paz. As aguas teem tambem uma cor que, d' hora a hora, de minuto a minuto, va mudando... Bandos de gaiotas recolhem um voo sereno, riscando o céu — e a noite vem com a tristeza, que o ruído eterno das aguas augmenta...

RAUL BRANDÃO.

## DE LISBOA A PARIS

### A Viagem dos Simplicios



De kros de almoçados, palitados, brunidos e repousados, agarraram no *guide-Joanne*, de que iam munidos já de Lisboa e saíram para a rua, bem dispostos, felizes, resolvidos a verem Paris, tal como de ha muito a architectavam nos seus cerebros humilides, tal como a haviam phantasiado desde que o primeiro grito de viagem echoara na sua moradia burguezia d'um arruamento da Baixa.

Emmudecidos ficaram longas horas, como que se todos elles estivessem vivendo n'um sonho. Tão preparados se julgavam já para todas as surpresas, para todas as sensações, e, todavia, como tudo se modifica o seu pensamento, a sua expectativa. E sentados a uma meza do *café de la Paix*, onde tinham parado sem mesmo saber porque, a descaçar talvez um pouco d'aquelle turbilhão, atordoados, ébrios, n'um espasmo de epilepticos, pareciam procurar, no seu vocabulario, qualquer cousa que traduzir pedesse tudo quanto lhes ia na alma, depois de terem feito o seu primeiro gyro.

Foi Simplicio quem mexeu primeiramente os labios. La fallar o Simplicio, o esposo, o pai amantissimo... E todos se inclinaram, ansiosos, febrils, aguardando a opinião, o juizo, a critica do cerebro-chefe dos batataes-agustos.

Então elle, depondo sobre o zinco o seu copo de *grandinine*, assoando-se, tossindo, empertigando o thorax, estendendo a dextra, opinou:

— Isto é uma *Babylonia*!

Simplicio encontrára a palavra. Era isso justamente. E na sua carteira Aurelia tomou nota de que ás cinco e trinta e tres minutos da tarde, no *boulevard des Capucines*, entre uma *grandinine* e tres gelados, seu bom papá tivéra a ideia genial de classificar Paris por uma fórma que ninguem até alli jamais fizera.

Uma *Babylonia*! O Simplicio dos Simplicios, Barata dos Baratas, nunca pessoa alguma fóra tão eloquente como tã poucos syllabas.

E como se lhe havia gerado em seu espirito de observador tão acertada analyse sobre a capital da França? Nem elle o sabia explicar... Mas, ao ver aquella turba prodigiosa vivendo como que n'um delirio de bacchanal, aquellas equipagens conduzindo deusas e peccadoras, enfeitadas de brocados e de rendas, tres raparigas, nem menos, que lhe haviam piscado o olho junto á *cour* do Grand Hotel, chegando uma d'ellas a segredar-lhe: *rien, mon peti...*; a ociosidade de toda aquella gente que se espalhava pelas *terrasses* dos *cafés*, um casal de amorosos que com toda a semcermonia se ia abraçando n'um *saute*, e todo aquelle bulicio, aquelle movimento incessante de alegria, de folguedo, de rolhas de *champagne* estalando no ar, de riqueza, de luxo e de vicio, tudo lhe fazia lembrar a Roma antiga, quando assim a denominavam nas vesperas da sua queda.

Uma *Babylonia*! Que vontade enorme a de Dorothea de correr ao telegrapho e mandar dizer ao governo do seu paiz: Isto é uma *Babylonia*!

Fôra violentissimo o choque soffrido ao primeiro contacto. Era de esperar. A'quella hora a linha maravilhosa dos boulevards offerecia um aspecto realmente delirante e o passeio que haviam

dado desde o *faubourg Montmartre* á Madeleine produzira-lhes uma sensação extraordinaria de atordoamento.

Rodavam as carruagens n'uma perpetuidade agaçante d'um para o outro lado, fiacres de praça puxados por miseros lazarentos chicoteados a dois francos a hora, ou soberbas parellas atreladas a equipagens luxuosas de argentarios em voga; e os omnibus, com os seus pedrados normandos, que faziam o *abito Madeleine-Destille*, *Olden-Batignolles*, e tantos, tantos outros, conduziam nas suas *imperias* um mundo vário de typos, de classes, de nacionalidades; e custo os automoveis detinham a sua correria vertiginosa, quando a policia erguendo o seu bastão de commando fazia parar todo o movimento, a fim dos peões poderm atravessar o arruamento; os *cyclistas* zigzagueavam entre mil perigos, dominando os pedras das machinas para que o mal pequenito descaçasse os não sevesse a cantho da morte; carros reclamos do *Louvre* ou do *Ton-marché*, das perfumarias *Congo* ou *Cherry-Blason*, do *Old-England* ou da *Nawaraine*, com as suas côres festivas e as suas librés espectaculosas, davam ao cortejo a nota pittoresca d'um carnaval em delirio; voltavam das corridas e da exposição as grandes *tapisseries* giradas a tres parellas agitando, phreneticas, as suas colleiras de rapides com que passava seguindo o seu destino; as portas dos *cafés*, em tres ou quatro filas de mezas, um sem numero de consumidores tomando aperitivos, em que o abainho predominava exhalando na atmosphera o seu aroma penetrante, financeiros que discutiam as altas e baixas havidas de manhá na Bolsa, jogadores das corridas de cavallos que hoje tinham perdido nas *courses de Vincennes* e esperavam desforçar-se no dia seguinte nas de *Maison-Laffite*, forasteiros que recapitulavam as impressões colhidas durante os seus viages aos parques e aos musaes, aos templos e monumentos; *ecoltes* que faziam o seu mercado de sorrisos para terem certo um jantar, ou umas horas de prazer, ou, pelo menos, com que pagar a cama para a noite; e os *camelots* apregoavam, entre facecias e risos, as ultimas curiosidades da *blague* parisiense, ao mesmo tempo que os homens-annuncios, magros, famintos, esfarrapados, caminhando em grupos, caricaturas ambulantes, de grotescos chapus e cartazes, os homens, dischampanados, grandes e pequenos, atractivos da fóla de Paris, elles, coitados, os tristes da vida, os desherdados da sorte.

Simplicio, ao cabo de duas horas de travessia, pensou, com saudade, na rua dos Douradores ou em qualquer outra rua tranquilla da sua terra, onde pudesse descaçar o seu espirito estonteado.

E cada *citrine* de armazen parecia conter um ignebente inferno de seduções, que os espalhados n'essa successão infinita de armazens, que se estendia ao longo da grandiosa feira d'Parava-se a cada momento, a cada passo, de segundo a segundo, e aqui eram os bronzes e os estanhos artisticos, que atraíam a turba triumphantes, nos seus pedestaes de velludo, alli precostas ellas emolduradas, garruceando as muralhas de pequeninos museus; joalharias com os seus collares e braceletes faiscantes, disputando, com a sua luz e a sua cor, primazias e direitos ás mil imitações que, petulantemente, se ostentavam ao lado; floristas com as mais captivantes *corbeilles* garridamente enlaçadas de setins; faianças e *biobjets* trazidas de todo o mundo para o grande bazar; requintes da moda, em chapues, em vestidos, em pellicias, em leques e em botinas, colleções de photographias de todas as celebridades, tentações do peccado de collos nus ou ajustados *maillots*, lindos brinquedos, adoráveis bonecas de loiras madeixas, vestidas a primor, como que habituando á sedução, ao desejo, os bandos das creancitas que, petulantemente, voltavam d'umas horas de recreio nos jardins das Tuileries ou de Luxemburgo; e os theatros affixavam pomposos reclamos, os restaurantes abriam as suas portas, promptos ao primeiro assalto, o *Paillard* e o *Joseph*, a *Maison d'or* e o *Anjois* á espera d'a sua clientela aristocratica, os *bouillons* contentando-se com a burguezia pacata, sem refinamentos de paladar, nem exigencias de *blasé*.

CARLOS DE MOURA CABRAL.

Do livro de Carlos de Moura Cabral, que apparecerá em breves dias, des-tacamos hoje, como primeiro, algumas paginas que descrevem o passeio dos protoguitas pelos boulevards de Paris. O litterarismo que caracterisa uma das mais bellas e mais brilhantes do littero litterario de Moura Cabral, já confirmado no seu livro anterior *Lisboa em flagrança*, é a nota predominante da sua nova obra.



# SEVILHA

## A Semana Santa — A Feira



A caminho da feira



Na feira



A roda gigante

Plac. de Arnaldo Fosatti

SEVILHA lembra-nos, não sabemos bem porquê, uma dansarina andaluz, quando dança ao som da guitarra peninsular. Os pés esboçam todas as sorfes de arabescos, enquanto o corpo se derruba para traz com attitudes cansadas, e os olhos mortiferos parecem seguir um vago sonho interior. Depois, o movimento accentua-se, as mãos levantadas cahem ao longo do corpo, descrevendo uma espiral voluptuaria, e o talhe quebradicho executa uma rotação lenta, escandida, a cada volta, por um desquadrilhado brusco, uns regamboleios de quadris, uns zarzocotes desnalgados. Repentinamente, a dansarina atrá a sua gorra de velludo preto, e, trejeitando gaifonas, inietta uma ronda envolvente e delirante em volta do seu par.

Todas as seducções, todos os ademanes enervantes, todas as denegues, todas as moanqueios do mais cantharidal e do mais refinado amor, são prodigalisadas a esse homem, ao redor do qual volteia, ora offerecendo-se-lhe lépida, ora fugido-lhe a uma curvatura graciosa, ora attrahindo-o com um abraço apaixonado, ora repellido-o com um sorriso demoniaco.

Enfim, a dansarina inclina-se, e, com os olhos ardentes como asexas de lume, a bocca entreaberta como uma boqueta de velludo carmezim cheia de perolas do mais nacarado oriente, a tez animada, põe a gorra na cabeça com um largo gesto triumphante de parlamentar castelhano.

Quem não viu Sevilha não viu maravilha, afirma um velho proloquio hespanhol.

Este proloquio refere-se nemos ás joias architectonicas que adornam essa terra abençoada, do que ao bulicio que a agita como se fôra um perpetuo batle de mascaras.

Vistamos primeiro a Giralda, primorosa obra que faz bater orgulhosos todos os corações dos bons sevillhanos, e que estes arrojadamente empareceiram com as sete maravilhas, que produziam o vágado do deslumbramento aos antigos:

*Tu, maravilla octava, maravilla  
A las pasadas siete maravillas!*

Conta-se que um sevillhan, entusiasmado da Giralda, dizia a um inglez, que não encontrava phrases sufficientemente gongoricas para a exaltar: *Puedo señó, no crea usted que la han traído de Paris ni de Londres, que tal cual usted la vé, la hemos hecho acá en Sevilla.* Giripando ao cocuruto da torre, ficá-se boquiaberto com a vista que se desenrola ante os nossos olhos como descommunal panorama scenographico: campos que se erguem com lentas ondulações como vagas de cristas de ouro e de esmeralda, o verde negro dos olivares densos, as curvas sinuosas das montanhas recortando-se na bruma violeta, o Guadalquivir serpendo como furtiva cobra de prata entre os campos, sob o beijo silencioso de uma luz inedita, ignorada das palétras dos pintores impressionistas. E os ruídos indistinctos chegam-nos aos ouvidos como a lamentação cansada de uma dor amorosa...

Triana, o bairro dos egitanos, tem o atractivo acido do lignoto. Ahí se topan, mesclados com estes, os contrabandistas, as cigarreiras, os bargantes, as nichélas, as vendecedoras. A raça zingara, essa raça aventureira que se dignou fornecer um amante ao nosso rei D. João V, arrinca-se á parte e arrasta-se na miseria pouco odorifera dos amores harto prolificos. Os egitanos vivem de negociatas cuja lieura está sujeita a caution, do alborque de cavallos, de traficancias enigmaticas, de tranquebernas varias. As mulheres, de costumes preguicosos, leem a buena-dicha, bruxeam, escrutam a algebra dos mysterios da vida:

*La gitana con sultura  
Dice la buena-ventura.*

Ellas brilham muito no canto andaluz, acompanhando-se da guitarra e entoando coplas, que, a miude, fazem arrugar os supercilios dos pontífices da moral publica. Aos sons macios do instrumento, a favorecida das cordas voceas verseja, em phrase de cutillage, as pilherias plebéas, as sensualidades vadias, inspiradas pela musa airada dos amores de cabotagen. E se é doce ouvir a guitarra nas unites de verão, sobre a areia da praia e debaixo da serenidade embalsamada do céo rutilante de estrellas, mais doce ainda é escutar-a sob o céo azul-claro da Andaluzia, enquanto as mulheres bailam a seguidilla, a jota aragoneza e a petenera, imprimindo ondulações serpentinas aos torsos flexiveis, manifestando a mesma desenvoltura de uma fadistona lisboeta, quando toma attitudes pandegas nos rijos fados batidos. E essa musica excitante, que vale por um banho electrico, faz recordar o gosto das gaiteicas, que dorme, atavico, no fundo dos nossos corações...

A cigarreira nacionalmente typica — tendo sempre uma nota de amor nos nervos vibrateis e um remoque prompto na bocca de cravo, distingue-se entre



a população feminina. E' ella que se vê nas corridas de touros, nas feiras e nas romarias, com a mantilha de tira e o vestido de cores berradoras. Os *guitarreros* traem canções em sua honra:

*Tienen las cigarreras  
En el zapato  
Un letrero que dice  
Viva el tabaco!*

*Llevan las cigarreras  
En el rodete  
Un cigarrillo habano  
Para su Pepe.*

Flanando ao longo da rua das Sierras — o coração de Sevilha —, acode-nos logo á idéa o *Barbero*. Como que esperamos divisar os piquês pacíficos da comparsaria da immortal *burletta* rossiniana, o conde de Almaviva com a guitarra das serenadas, os hábitos talares e o sombreiro tartufista de D. Basilio, a magana Rosina com o seu toão prestigioso de noite e de belleza, a vasquinha de setim e o leque expressivo, o bonacheirão D. Bartolomé, o garoto Figaro, o escanabador genial de quem Victor Hugo disse que a sua navalha de barbear precedeu o gladio do arcanjo das revoluções, um *barbier de qualitié* em que Beaumarchais — inusitado-lhe o espirito philosophico e demolidor — personificou o terceiro estado. Mas, se os não divisamos, deparamos, em compensação, com as morenitas *salerosas*, andando tique-tique pela rua fóra, com aquelle garbo casquilho, que forçava o Pêpe-Hillo da zarzuela a exclamar contente:

*Y si tersia la mantijo,  
Y pisa con desparpajo,  
Paese que se viene abajo  
La catedral de Sevilla!*

Mirando as fachadas das habitações, supponho que vão assombrar á ventanilla todas as heroínas de Lope de Vega, de Calderon de la Barca, de Tirso de Molina, de Espronceda e de Zorrilla. Ah! E' porque ao pisarmos terras de Hespanha, sentimos despertar em nós uma poderosa força evocativa. Edgar Quinet reconheceu no Prado madrilheño todas as Virgens de Marillo, as filhas do ar de Calderon, a Dorothea de Lope de Vega, todas as imagens dos antigos poetas e dos antigos pintores, que ahí pareciam ter-se dado rendez-vous. E o visconde de Benalcañon, viajando na provincia andaluza, sentia corporalisarem-se todos os sonhos



Na feira

Apanhando o sol...



Semana Santa — Os hermancos

versa. Odeia o trabalho e manifesta uma independencia, que se assemelha, por vezes, a um desafio. Um pobre de Christo trata um duque no maior pé de equaldade, como de potencia a potencia. Se o portuguez do sul adora a navalha, a guitarra e o fado — adoração etnicamente explicavel —, o sevilhano adora, por seu turno, o cuchillo, a guitarra, e a canção andaluza, que lhe derrama no sangue o veneno, que dá a alegria do sonho e a loucura dos paraizos artificiaes... As graças physicas das sevilhanas tem sido abundantemente enumeradas pelos escriptores e pelos viajantes. Os olhos, sobretudo, merecem descriçoes terrosas. Comprehendo, diz Edgar Quinet, que é preciso — para a poesia hespanhola — prodigalizar a sua nomenclatura ordinaria, de flores, de diamantes, jasmims, cravos, rubis, topazios,

esmeraldas, quando se torna necessario pintar o sol interior, que resalta d'esses olhos negros Theophilus Gautier, o grande cizelador da palavra, traçou um retrato das sevilhanas, a respeito das quaes diz, entre outras coisas: — «As mulheres de Sevilha justificam a sua reputação de bellizas; parecem-se umas com as outras como acontece nas raças puras, de um typo marcado; os olhos rasgados até ás fontes, franjados de longas pestanas pretas, tem um effeito de claro-escuro, desconhecido em França. Quando uma mulher ou uma menina passa junto de nós, abaixa lentamente as palpebras, depois ergue-as de repente, dardejando nos um olhar de brilho insustentavel, faz um movimento com os olhos, abaixando-os de novo. A bailarina Amoury, quando executava o passo das pombas, dava apenas uma idéa d'esses olhares incendiarios, que o Oriente legou á Hespanha.»

A Semana Santa em Sevilha dá bem a nota do bigotismo, da santimonia hespanhola. As procissões succedem desde domingo de Ramos até sabbado de alleluia. As scenas da Paixão, ou os *passos*, que figuram n'ellas, eram outrora esculpidos e pintados por artistas celebres, taes como Gaspar Becerra e Alonso Cano — o Miguel Angelo hespanhol. Um dos mais notaveis é o de

Jesus Nazareno do *Gran Poder*, que leva uma vestimenta de velludo negro bordado a ouro e prata, e uma preciosa cruz marechada de tartaruga, prata e marfim. Tanto os portadores d'este como os dos outros vão escondidos por uma gualdrapa, que os torna invisiveis, de forma que parece que os andores deambulam por si mesmos. As confrarias enfileiram-se nas procissões, em que os Nazarenos figuram com trajes curiosissimos, devidos á thesoura tristonha dos santos apostolicos: uma tunica merencoria como os sambenitos da Inquisição, e um chapéu conico, semelhante ao dos astrologos das capas de almasnach barato. Nomeio do cortejo vão os *hermancos mayno-*



O Guadalquivir, visto da ponte de Triana.

poeticos e legendarios, a Dulcinea del Toboso, a Ximena, D. Juan Tenorio, o Cid de Bivar, Bernardo del Carpio; via surgir o vulto de D. Quixote, brilhar o elmo de Mambrino, e moverem-se ao vento as velas dos moínhos acomettidos pelo heroe manchego!

O sevilhano é vivo, gaitero, apelinador e de grande pico na con-

Plot. de Arnaldo Fonseca.



A' porta d'uma igreja



res ou juizes, e os mestres de cerimonia, empunhando umas trombetas de prata, ornadas de ricos lambéis de seda com franjas

As procissões sevillhenses, com os seus numerosos penitentes, escondidos sob mascaras de passadillo e cobertos de capas funerarias, tem um aspecto estranho, quasi lugubre. Dão uma impressão inesthetica dos autos de fé inquisitorias.

Comprehendemos que as pompas do culto externo se tornam necessarias para os povos mais collados ás formas atavicas e religiosas. E esse o motivo por que os dirigentes dos homens — ou relevem seu poder da potestade espiritual ou da temporal — sempre alimentaram no povo o gosto das pompas. Mesmo aquelles que se obstinaram na destruição do culto ancestral, instituiram a festa da deusa Rasão, e, quando se trasladaram as cinzas de Voltaire para o Pantheon, os ferozes jacobinos, os rasouradores do existente, modelaram o philosopho no ouro e collocaram seu sarcophago n'um carro puxado por doze cavallos brancos.

Na feira de Sevilla apreciam-se, melhor do que em parts alguma da Andaluzia, as scenas andaluzas de um mordicante de pimentão. A feira é notabilissima pela abundancia de gado de toda a casta, mas o commercio de cavallos é que lhe dá maior actividade. Aqui transacciona o lidimo troquilhaes cigano, um marau cheio de palanfro e fertil em alicantinas, ao lado do qual o mais esperto alborrio



As Casetas

rador de outras latitudes representa a innocencia e a candura em pessoa. En su santísima intruja o malisladino comprador, vendendo-lhe gato, por lebre, quero dizer, um sendeiro acurvilhado por uma hacanea chilante. Aqui se encontra o grão-senhor andaluz montado n'alguma bella estampa do fino typo cavallar, a elegante amazona de chapéo redondo e bolero catita, o dandy que frequenta os boteguinaes e se pavoneia nas butacas do theatro lyrico, majas e majas, tunantes e cigarreiras, toireiros e canonicos, chulos de trinquete e peccoras picaras, toute la lyre! Pelas ruas da terra circulam soberbas equipagens, que conduzem damas, trajando o chale de Manilla. As ruas illuminadas á veneziana tomam, pela noite, um aspecto verdadeiramente feroico! O miradouro que se eleva no centro da feira, no ponto de cruzamento das ruas principaes, tem duas plataformas, de onde se desfruta uma vista esplendida. Ha uma rua de barracas, formando a um lado os theatros, os circoes e as casars de figuras de cera, e a outro as tabernas e os cafés, servidos por camareras toucadas de flores. Estas serventes veem buscar-nos á rua, engancham amavelmente o seu braço no nosso, dirigem-se-nos com a sua voz, ora limpida como o canto dos paesaros, ora irritante como um chamamento de castanholas. Ha mais os postos de buñuelos das eiganas e as barracas das cigarreiras, onde se vendem rifa... da cor pasmada do caio das paredes. As tendas de refrescos e os cafés estão sempre repletos de gente, que emborra bebidas mais ou menos refrigerantes ou presta attenção a alguma copla patusea, articulada com um rythmo em que brincam fantasias de espasmos:

*Debajo de tu vestana  
Me dió el sueño y dormi;*

Phot. de Anacleto Ferraz

*Y me desperté tu gollo  
Cantando quiquitiqui.*



Na feira — As figuras de cera

*Hay amores por conquista,  
Hay amores por ilusiones,  
Hay amores que se alquilan  
Como las habitaciones.*

Ao despedirmo-nos de Sevilla, temos de enunciar um juizo, que se impõe á nossa razão com a força coerciva do imperativo categorico kantiano. Mais do que todas as festas, mais do que todas as feiras, mais do que a burilada Giralda, mais do que o famoso Alcaçar mourisco, mais do que as pinturas de Murillo, de Zurbaran, de Alonso Cano e de Morales, mais do que o ouro das laranjeiras e a prata em fusão do Guadalquivir, mais do que o esplendor fluído do firmamento impecavelmente azul, mais do que tudo isso vale a andaluzia, tantas vezes exaltada por prosistas e sublimada por bardos e guitarristas, a andaluzia *au teint bruni* que Musset celebrou na sua lyra incomparavel, a andaluzia que

baila no sem das castanholas, sobre uma meza, entre copas transbordantes de Manzanilla e de Xerez, a andaluzia de olhos de diamante negro, beijos de fogo e arranque sanguineo — a eterna mocidade e o eterno sorriso da Espanha.

PINHO DE CARVALHO (TIPO.)

Uma mulher de espirito nunca tem o espirito de uma mulher.  
GUY DELAFOREST.

Uma alma forte precisa d'um corpo robusto, como um cavalleiro ardente precisa de um bom cavallo.

HENRI REGNAULT.



Flamencos



Ciganas — Balucleras



## AOS BRASILEIROS QUE NOS VISITAM

Soneto recitado pelo actor Ferreira da Silva  
na recita ofrecida pela Associação dos Jornalistas á officialidade do couraçado *Floriano*

Ao ver-vos entre a destemida gente  
Que arrancou vossa patria ao mar ignoto,  
O pranto, ó meus irmãos, a Deus eu voto,  
Que em vossos olhos brotará contente.

Vós sentireis aqui, bem docemente,  
Como o calor de um berço já remoto,  
Um terno anseio, um suspirar devoto  
Por carinhos de mãe, morta ou ausente.

Vagas recordações da vossa infancia  
Acordará talvez a rude voz,  
Descantando nos campos, a distancia.

Este solo é sagrado para vós,  
Terra bem dita, derradeira estancia  
De heroes de Portugal, vossos avós.

18 de abril de 1901.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.



A mocidade sem amor é como a manhã sem sol.

WAGNER.

A impunidade do culpado é a condemnação do juiz.

PUBLIUS PRIVUS.



## Typo de belleza



Uma Rio-Grandense



Phot. de Arnaldo Fonseca

Sevilha — Na feira



Phot. de Arnaldo Fonseca

Sevilha — O Ayuntamiento



## SAUDAÇÃO

Versos recitados pela actriz Cecilia Machado na recita ofrecida pela Associação dos Jornalistas á officialidade do couraçado *Floriano*

Nesta lingua em que outrora os vossos ternos labios  
Começaram, a custo, a balbuciar o nome  
Do pae, da mãe, do irmão; em que logram renome  
Tantos poetas que amaes, tantos egregios sabios;

Vimos saudar em vós uma nação querida.  
Sem que seja preciso a nós, que vos falamos,  
Que em outro idioma alheio ao nosso traduzamos  
Quanto ha de amor e fé na saudação rendida!

Uma ideal communhão, um grato entendimento  
Enlaça quem acceita e rende esta homenagem  
Nem se força o sentir, nem se abdica a linguagem  
Nesta mutua expressão dum mesmo pensamento.

Se a palavra portanto é como um eco apenas  
Em que um povo repete o que outro proclama,  
Tambem os corações ardem na mesma chamma,  
Riem de equal prazer e choram de eguaes penas...

E na expressão, commum só a vós, brasileiros,  
E a nós, vossos irmãos — numa intima saudade —  
Podemos traduzir o sentimento que ha de  
Mostrar que em Portugal nunca sois estrangeiros!

Lisboa, abril de 1901.

ALFREDO DA CUNHA.

*Associação Brasileira*



Canções, rosas, juventude,  
 balaios, rubis, bebema,  
 a flor da natureza  
 no faz de idyllos e binao  
 Amans, a grade do visor,  
 como confflavas e pifjas,  
 Quando as biaz defforizam  
 Loujando o nobre "Amor".

Quem ama viver sacoda  
 e viver, e esta universo  
 Loujando, no amor de immensas,  
 laizo em seas invernaes,  
 e suas exuberant, em pifjas,  
 de biaz e colhe as pifjas,  
 e to amante, em pifja, as idias  
 e biaz como os pifjas.

Saltitans, como avinhas,  
 os ranchos pifjas e tadas,  
 biaz e mofas e biaz  
 biaz e a vanda as pifjas.  
 biaz e os heros e pifjas,  
 Que se tem ao pifja e pifja,  
 biaz, vinda, que e mofas e biaz...  
 biaz, mofas e pifjas!

Sas offensas, ou abjeito  
 Ma sempre amos e biaz,  
 A biaz e a mofas e biaz  
 biaz, terra, e biaz e biaz:  
 biaz e biaz, que se velle,  
 biaz e biaz, e biaz e biaz...  
 biaz e biaz, que e mofas e biaz...  
 biaz, e biaz e biaz e biaz!  
 biaz e biaz.  
 L. de Almeida





# TAUROMACHIA

**S**EGUNDO as noticias que já demos aqui, as touradas no seculo xx foram inauguradas em Portugal no dia 24 de março, sob a tutela da Empresa Batalha, que tomou a seu cargo a praça do Campo Pequeno, pelos tres primeiros annos d'este seculo.

Esta empresa, composta dos distinctos *aficionados* Arthur Telles e João Cypriano Reis Batalha, e do apreciado *ganadero* Luiz Gama, que possui as suas criações de gado bravo nas Caldas da Rainha, ao tomar aquella praça pelo tempo já indicado reformou o antigo systema dos empresarios seus antecessores, contractando anticipadamente para cinco corridas de assignatura, a que em Hespanha chamam de abono, os melhores artistas e que mais *cartel* tinham para o publico, tanto aqui como no visinho reino.

Assim, os espadas chamados a abrihantar estas corridas de assignatura e as outras extraordinarias, são os de primeira linha alem fronteira, e os artistas nacionaes são tambem dos que mais sympathias e melhor nome gosam entre os *aficionados*, tanto os que toureiam a pé como a cavallo.

Na 1.ª corrida, de que já demos uma noticia minuciosa, desempenhou a primor o seu cargo de primeiro espada o novel *maestrino* do toureio andaluz, Ricardo Torres (Bombita Chico ou Bombita II), e na 2.ª exhibiu-se no mesmo posto, como chefe de *cuadrilla*, o notavel e primoroso matador José Garcia (Algabete), vindo á 3.ª função tauromachica este mesmo matador, com o espada Emilio Torres (Bombita I) e irmão de Ricardo.

¶ Para a 4.ª e 5.ª corridas d'esta epoca já estão tambem indicados outros chefes de *cuadrilla* com alternativa tomada na praça real de Madrid, um dos quaes nos consta ser o *chefe* alcalaes Antonio Reverte y Jimenez.

Esse toureiro de Alcalá del Rio, pequena povoação cerca da cidade de Sevilha, cuja praça passa por ser uma das maiores de Hespanha. Damos aqui, em photogravura, a praça do Campo Pequeno, assim como os retratos dos nossos principaes artistas de pé, mais frequentemente chamados áquella Praça por certo.

Principiaremos pelo mais antigo, que é o velho bandarilheiro João Calabaça, descendente d'uma familia de toureiros que n'outro tempo fizeram as delicias dos nossos antepassados. Toureiros bravos de touros já demolida praça do Salitre, onde alguns d'elles, como Sebastião Garcia Calabaça, tio do nosso retratado, cheguo a matar touros á espada.

Bons tempos eram esses em que o toureio em Portugal se exhibia sem *feccles* nem sophismas, e com toda a franqueza e verdade inherentes á belleza do pujante e extraordinario espectáculo peninsular!

Mas, tornando ao antigo bandarilheiro João Calabaça, que hoje é ainda uma das reliquias da tambem já derruida praça do Campo de Sant'Anna, vamos traçar-lhe um perfil tão verdadeiro quanto possivel.

Calabaça é um homem de idade avançada mas regularissimo nos seus habitos e modo de vida, o que lhe tem poupado as faculdades que ainda hoje conserva para o cabal desempenho do seu arduo officio.

Posto que use o modo antigo de pôr bandarilhas, hoje já muito abandonado, porque o progresso, que tudo invade lhe introduziu variantes mais consentaneas com o estylo seguido pelo *pareador* hespanhol, Calabaça tem, contudo, a habilidade de disfarçar o lado pouco vistoso das sortes que realisa, com uma certeza e segurança na collocação dos ferros que encanta o mais exigente.

Ha, porém, uma sorte em que elle é exímio e que nenhum outro dos seus collegas conseguiu ainda dominar com decidida vantagem, e que é: a sorte de collocar-se em frente d'um touro, perfectamente direito, com os braços arqueados para a frente, empunhando as bandarilhas viradas com os arponcillos para o chão, obriga o espectador me-

nos interessado a fixar o *redondel* com a maior attenção.

Dado o signal de cornetim para a sahida, e quando o touro vem com uma carreira veloz, talvez comparada á d'um comboyo expresso em andamento, Calabaça corre-lhe em direcção ao *plazo* direito e sahindo-se-lhe da frente (sem *cuadrar*) crava os ferros no alto do *morrillo*, seguindo cada qual pelo seu terreno. A ovação estala então vibrante de enthusiasmo, e o velho artista é acclamado como um heroe.

Logo *pareador*, que tambem consideramos algo seguro na collocação de bandarilhas em touros á sahida da gaiola e que os preferem lidar enquanto se conservam *leantados*, é o donairo artista Jorge Cadete, filho do fallecido toureiro José Cadete, e, como seu pae e irmão Manoel, primoroso bandarilheiro, mas sahindo sempre para o lado direito.

Jorge teve um principio brilhante, e hoje está um artista consagrado, porém, as suas facilidades e provada habilidade exigem maiores e melhores demonstrações de actividade da sua parte, afim de que outros *diestros* mais novos lhe não usurpem o logar tão custosamente ganho.

Passando a outro dos artistas do nosso grupo de hoje, compete a ordem de antiguidade a Torres Branco, que, sem ter a *finura*, *donaire* e *gracia* de Jorge Cadete, é, contudo, um bandarilheiro muito apreciavel e um peão de *brega* de grande auxilio e valor para os seus collegas a pé e a cavallo, porque accode bem aos *quites* aos cavalleiros e *corre* os touros com exacto conhecimento das suas qualidades e defectos.

Ha poucos annos Torres Branco ligou-se a Manoel dos Santos, um outro toureiro muito mais novo, mas de mais sympathias e *cartel* do que outros, e que, pela sua tenacissima vontade de trabalhar e de agradar, conseguiu em pouco tempo vantagens superiores, em confronto com outros dos seus compatriotas mais antigos no rudo officio de lidar rezes bravas. Por este facto impõe-se a Manoel dos Santos a necessidade de lidar rezes brava e temperamento imitativo tem hoje a palma entre os bandarilheiros portuguezes.

Santos é de Lisboa e dotado de uma penetração e sagacidade extraordinarias, que o impelliram com a sua *afición* a dedicar-se a uma arte (?) onde os louros e as *louras* se ganham ás punhadas, desde o momento em que o artista não tenha recoito dos touros e tratado com elle, de *evitando* geito e habilidade.

Assim, faz frequentemente a sorte de cadeira, dando o *quiebro* por esta forma ou a pé firme; bandarilha os touros al *cuarto* entrando de largo e a passo até lhes chegar proximo da cara, *enendando*, por vezes, a viagem; *corre, passa e recorta* com o capote; e por ultimo *traeste* de moleta com um certo feitiço, saltando passes que certos novilheiros hespanhoes não desdenhariam de lhe pôr a rubrica.

E quando é preciso *simula* a morte, empunhando o estoque de madeira com certa intuição e verdade. D'aqui lhe nasce toda a popularidade, consideração e bom nome de que não justamente goza.

Emquanto ao ultimo dos *diestros* aqui retratados, Philippe Thomas da Rocha, é licito que se diga que este bandarilheiro revelou-se aqui, depois do seu regresso do Brasil, onde fez uma campanha brilhante na troupe que ali apresentaram, em dois ou tres annos seguidos no Rio de Janeiro e no Pará, os cavalleiros Alfredo Tinoco e José Bento de Araujo.

Com uma *gracia* e *finura* talvez comparada á que exhibe Jorge Cadete quando está feliz, Philippe impõe ao seu estylo e forma de *parear*, um certo cunho de distincção e aprumo, que encantam e satisfazem o publico, que não cessa de o aplaudir quando o vê citar os touros desde larga distancia, *cuartear-se*, metter os braços com elegancia e deixar as bandarilhas de alto a baixo mas sem exageros nem posições ridiculas.

Tem, pois, Thomas da Rocha um



Praça do Campo Pequeno



Cypriano Batalha  
Empresario



Luiz Gama  
Empresario e ganadero



João Calabaça  
Bandarilheiro



Torres Branco  
Bandarilheiro

tanto irrisório o título de inteligente, que desde tempos antigos se dá aos directores das touradas.

Pois todos estes predicados, sem dúvida essencialíssimos, tem-nos reunidos em muito larga abundância o actual *intelligente* do Campo Pequeno, o antigo bandarilheiro madrileno Vicente Mendez (Pescadero), que a Empresa Batalha investiu muito justa e acertadamente nas honras d'este cargo de tanta responsabilidade, em substituição do anterior director Manoel Botas, que foi aposentado com os seus vencimentos por inteiro.

*Pescadero* é um bandarilheiro de muito merito, e nos tempos em que fazia parte da *cuadrilla* do matador sevilhano Antonio Carmona (El Gordito), tornou-se mais saliente aos seus collegas de então, tendo vindo frequentes vezes ao Campo de Sant'Anna, onde obteve extraordinarias e ruidosas ovações.

Alem d'isso, em Madrid, chegou a matar como novilheiro, competindo n'essa occasião com o defuncto matador Salvador Sanchez (Frasuelo), com quem travou luctas em que a sua elegancia e brilho na forma de tourear, quasi que offuscavam os triumphos que o *diestro* granadino obtinha na maneira artistica e valente como estocava os touros que lhe tocavam em turno.

Pelo que deixamos exposto calcula-se antecipadamente que a direcção das corridas na praça do Campo Pequeno é levada a effecto com o maior cuidado e correcção, como correcta e cul-

logar invejavel no toureiro e um posto ganho com honra, tanto mais difficil de obter quanto é certo que foi conquistado n'um prazo de tempo muitissimo reduzido.

E' tempo agora de nos referirmos ao director das corridas do Campo Pequeno, ou, por outra, ao *intelligente* como mais vulgarmente é conhecida a pessoa que toma a presidencia do espectáculo, que em rigor é o respectivo representante da auctoridade, mas quem ali manda e governa sempre é o citado *intelligente*.

Para se tomar a direcção d'uma corrida é necessario e imprescindivel ter um perfeito conhecimento dos touros, dos recursos artisticos dos *diestros* que hão-de tourear-os, e da lide em geral; não sendo por-

multas vezes, e, portanto, chegamos no fim de um ou dois annos a tornarem-se verdadeiros lentes na faculdade cornueta, porque sabem mais de tauromachia do que todos os profissionaes havidos e por haver.

D'aqui resulta, que apesar de terem as pontas inuteis para furar o corpo dos *diestros* possuem, no emtanto, a manha e a intuição precisa para tocarem os lidadores maltratando-os quando os apañham a feito.

Não é só esta a deavantagem que offerece o toureiro em Portugal, onde ha duas coisas que são exclusivamente nossas na lucta com touros bravos, e que são: o toureiro a cavallo, e as sortes que os pegadores executam para subjugar os cornuetsos.

No restante a fórma da lide a pé é quasi igual á de Hespanha, aonde, em razão dos touros serem lidados perfeitamente no estado selvagem (puros), os toureiros a



Philippe Thomaz da Rocha  
Bandarilheiro

pé realisam as sortes com mais perfeição, tanto na maneira de *correr* e *passer* com o *capote*, como no modo como *frusteam* de moleta, e ainda no estylo correcto como bandarilham.

Ha, porem, ali uma coisa que não pôde agradar a quem não esteja acostumado a presenciar tal trabalho, que é o dos picadores.

Nós, como *aficionados* que somos de toda e qualquer maneira de lide, comprehendemos que a consequencia de tal trabalho, a que se chama o primeiro *tercio*, é imprescindivel para o bom exito e segurança dos outros dois *tercios* que se seguem, mas os impressionistas e as pessoas que reprovam barbaridades sanguinarias, não resistem a assistir pela primeira vez, a uma corrida inteira em qualquer *cosa* hespanhol.

Effectivamente, ver um pobre *penco* (cavallo) ser furado pelas pontegudas hastas d'um possante touro, cuja vista atemorisa o homem mais valente, é um espectáculo deprimente e condemnavel, que só se admite em países onde a civilisação não está verdadeiramente implantada por completo.

Infelizmente é a Hespanha, de tradições tão nobres e cavalheirescas, que ainda conserva tão atrazada costumeira, que tambem já foi implantada em Fran-



Vicente Mendez (Pescadero)  
Intelligente

da tem sido a Empresa em todos os actos e negocios da sua gerencia, e a quem, por este facto, prestamos uma justa homenagem dando tambem na nossa revista os retratos de dois dos seus societarios.

Cabe-nos agora a vez de entrarmos em umas breves apreciações sobre touradas á portugueza e touradas á hespanhola, porque ambo os modos ou sistemas de lide são diversos e tão differentes quanto antagonicos.

Na lide á portugueza os touros apparecem na liça com as hastas resguardadas por umas feias mangas de couro, a que se chamam bolas, e que desfeiam as rezas horrosamente, alem de, ás vezes, transformar-lhes as boas qualidades que possuem e que em virtude d'um aperto dos cordeis com que aquellas bolas são prezas, modificam os animaes tornando-os de sentido e perigosos. Alem d'isso os touros em Portugal são lidados

ca, com um disfarce de couraças de cabedal, que resguardam as barrigas dos cavallos das investidas das feras cornudas.

Fóra d'isso o que se segue é perfeitamente admissivel porque os quatro pares de bandarilhas que colgam em cada touro é um aperitivo (chamar-lhe-hemos assim) que não repugna á vista, como tambem não se torna repulsiva a morte que o matador dá aos cornigeros brutos, servindo se d'uma flama vermelha d'um debil estoque d'aco toledano.

Por hoje concluímos, para em occasião opportuna nos referirmos aos amadores que actualmente cultivam o toureiro.

EYDIO DE ALMEIDA.



Manoel dos Santos  
Bandarilheiro



Jorge Cadete  
Bandarilheiro



# MODAS

Da promessa que fizemos, ao entrar no terceiro anno da sua existencia o *Brasil-Portugal*, começamos hoje a desobrigar-nos. Não queremos que as nossas amáveis leitoras nos agradeçam, mas nem por isso nos furtamos ao prazer de as avisarmos de que uma pagina, pelo menos, dedicada á moda feminina lhes é consagrada em todos os numeros da *Revista*.

D'esta forma, e sem necessidade de consultarem qualquer illustração da especialidade, estarão todos os quinze dias ao corrente da ultima novidade, e basta examinarem, com a attenção que as senhoras costumam dispensar a assumpto que tanto as interessa, as gravuras de modas e os artigos descriptivos que as acompanham nas paginas que lhes vão ser dedicadas, para que venham dos segredos da encantadora arte de vestir bem desde a extrema simplicidade á extrema elegancia, lhe possa ser reconhecida.

É, feito este indispensavel preambulo, chegou o momento de exclamarmos: «Está aberta a sessão».

## Vestido de campo

UMA *toilette* muito simples e do melhor gosto. A que representa a nossa gravura é feita n'um tecido de lã granitado *beige* claro. A saia, fechada adiante, é guarnecida com tres tranças de seda ondulada castanha. É curta sob um folho de *guipure* cortado em forma de *rotonde*.

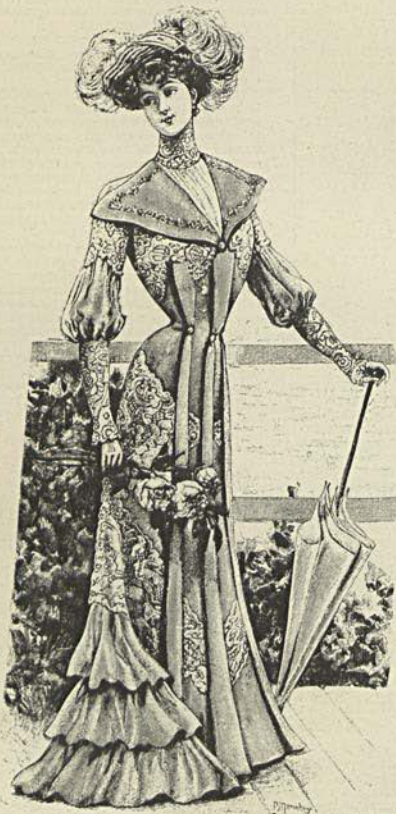
O corpo-blusa é guarnecido como a saia e decotado sobre um

espelho de *guipure*. Da manga, meio curta, sae outra pequena manga franzida em musselina branca, rematada por um punho. Chapéu *beige* enfeitado a rosas.

Para executar este vestido são precisos 7<sup>m</sup> de lã, 15<sup>m</sup> de trança de seda, 2<sup>m</sup>,50 de *guipure* enfiada e 6<sup>m</sup>,50 de musselina.



Vestido de campo



Vestido de passeio

## Vestido de passeio

Em tafetá *changeant*, cinzento e lilaz de forma princeza, tendo adiante tres machos presos á cinta por um botão de phantasia. A saia é cortada atraz para deixar vêr tres folhos.

Largos entremeios de *guipure* são collocados sobre o corpo do vestido formando um bolero recortado; estes mesmos entremeios descem em bico sobre a saia, passando debaixo dos machos.

O corpo na frente tem grandes bandas bordadas sobre um peitilho de musselina branca e gola alta coberta de *guipure*. A manga *bouffante* termina com um punho alto em *guipure*.

Toque em crepe da China cinzento, guarnecido elegantemente com uma fivela e plumas brancas.

Para a confecção d'esta magnífica *toilette* são precisos 18<sup>m</sup> de seda e 5<sup>m</sup> de *guipure*.

Ser consequente em politica é muitas vezes um erro; devemos modificarnos conforme os acontecimentos.

As colonias são para alguns povos o que as golas de pelles são para os nobres polacos... que não tem camisa.

BIENMARK.

Os socialistas de hontem proclamavam o direito ao trabalho, os de hoje reclamam o direito ao repouso.

O homem é mais maecao do que qualquer maecao.

NIETZSCHE.

A verdadeira amizade opera o prodigio de nos fazer admirar em outrem as qualidades que faltam em nós.



# BRASIL-PORTUGAL

Composição e Imprensaão  
 Textu e capa: Companhia Nacional Editores  
 Largo do Condé Barão, 30  
 Typographia supplementares: Off.º Typographia Nunes & F.º  
 Rua da Assumpção, 18 e 24  
 Typomaner: Typographia Castanho  
 Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores  
 Augusto de Castello, Jaime Victor, Lorj Tavares  
 Editor  
 Luis Antonio Sanchez  
 Redacção e administração—Rua do Carmo, n.º 15, 1.º  
 LISBOA  
 Kaderoço telegraphico—BRATUGAL

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	Moeda brasileira.....	Anno.....	6000	Anno.....	7400
Numero avulso.....	3000	6 meses.....	3500	6 meses.....	4200
		3 meses.....	2300	Numero avulso.....	840
		Numero avulso.....	330		

## SUMMARY

Politica internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.  
 A visita do couraçado brasileiro «Floriano».  
 O couraçado «Floriano».  
 Historia do batalhão «Vas com Deus» e da sua compa-  
 nia — RAUL BRANDÃO.  
 De Lisboa a Paris — MOURA CARVAL.  
 Sesilha — PINTO DE CARVALHO (Tinop).  
 Noite velha — Versos de JOSÉ FARIA MACHADO.  
 «Modade e Primavera» — Versos de E. A. VIDAL.  
 «Modas».

### Paginas supplementares

Os nossos correspondentes.  
 Capas para o «Brasil-Portugal».  
 Tauromachia — EGYDIO DE ALMEIDA.  
 O NOSSO JORNAL. — (A quinzena noticiosa).  
 Cartas da Quinzena.  
 Anecdots.  
 O Cego, romance de PEREZ GALDÓS.

### 48 Illustrações

## OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem 36 os se-  
 guintes representantes:

### No Brasil

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — Agencia Central  
 dos Estados do Sul, Doronzi Theodoro Papo de Mo-  
 nes e José Martins Pollo, Rua da Afonséga, 4, sobrado.  
 PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira.  
 PARÁ — J. H. dos Santos & O.º — (Livrar.ª Clássica) —  
 Rua João Alfredo, 30.  
 MANGABEIRAS — Praça Irmãdoras.  
 MARIANÓPOLIS — Leoncio J. de Medeiros & C.º  
 CEARÁ — Salles Torres & O.º  
 BAHIA — José Luis da Fonseca Magalhães (Livrar.ª  
 Magalhães) — Rua Direita do Palácio, 30.  
 PELOTAS — Carlos Pinto & C.º (Livrar.ª Americana).  
 PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & O.º (Livrar.ª Ame-  
 ricana).  
 RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & O.º (Livrar.ª  
 Americana) — Rua Marechal Floriano, 100.

### Em Africa

MOÇAMBIQUE — Jello Augusto Pinto de Carvalho.  
 MOSSAMÉDES — Joaquim Teixeira de Assumpção.  
 QUELLIMANE — Henrique Jorge do P. Neves.  
 BENGUELLA — Mathias & Tavares.  
 LOURENÇO MARQUES — D. Bernardo Heitor da  
 Silveira de Lorenna.  
 BOLAAMA (Guiné) — Cesar A. Gonçalves da Silva Ro-  
 zeni, Theatrocino geral da Provincia.

### No Continente

PORTO — (Agente geral no Porto e no norte, Antonio  
 Couto Fernandes, Rua do Almada, 45, 1.º)  
 EVORA — (Agente geral em Evora e no Sul) Luis  
 Freire Correia, Rua da Ladeira, 18.  
 BEJAVENTE — J. N. B. Carvalho.  
 PONTE DE LIMA — Gama, Amarel & Com.º.

COIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1.º 1.  
 CASTELO BRANCO — Pedro Augusto Passos.  
 ABRANTES — Antonio Augusto Salgueiro.  
 ELVÁS — João Antonio dos Santos Sobrinho.  
 A GÓRGA — José Narciso da Costa.  
 PORTALEGRE — Domingos da Guerra Conde.  
 LISBOA — Manuel Pereira Dias.  
 FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques de Oliveira.  
 VIANNA DO CASTELLO — J. B. Domingues.  
 CORUÑA — José Ferreira Cabral.  
 TAVILA — José Maria dos Santos.  
 FAIRO — Mays & Trigozo.

### No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 10.

## CAPAS PARA O «BRASIL-PORTUGAL»

A empresa encarrega-se de for-  
 necer aos srs. assignantes do **Brasil-Portugal** capas elegantes e  
 simples, para encadernação do 1.º  
 e do 2.º anno da Revista, ao preço  
 de 1\$000 réis cada capa.

Tambem se encarrega de encadernações de luxo a varias cores,  
 por preços moderados.

Os pedidos podem ser dirigidos a  
 esta administração ou ás agencias do  
**Brasil-Portugal**.



— Que livros hei-de eu ler para cultivar o es-  
 piritu? —  
 — Olhe, tio, compre o Guia pratico de horti-  
 cultura...

## TAUROMACHIA

### Campo Pequeno

Para a 3.ª corrida de assignatura apresentou-  
 se a empresa Batalha uma funcção com o con-  
 curso do espada Antonio Reverte, que desde 3  
 de dezembro de 1899 estava inutil para o toi-  
 reio, por ter sido ferido n'quelle dia, na praça  
 de Bayona, ao matar um touro.

Os touros que vieram para esta corrida per-  
 tenciam ao sr. Manuel Duarte de Oliveira, da  
 Ribeira do Cartaxo, e traziam uma razoavel  
 abundancia de carnes e de prinos.

Manoel Casimiro e Joaquim Alves ferepam  
 quatro dos bichos, andando o primeiro muito  
 mais feliz do que o segundo, porque lhe toca-  
 ram em sorte touros nobres e bravos.

Mas Joaquim Alves, no 9.º, que era uma torre  
 caducata, teve uma superiorissima garapa agu-  
 nada com toda a serenidade e aprumo.

A ovação foi estrondosa.

Reverte com o capote mostrou desajes e agru-  
 dou, recortando de capa no braço, e lançando  
 de frente, por detrás, etc.

Mulcetano indicou que tem o mesmo costume  
 dos temp's antigos, porque defende-se com  
 passaes que não arematou por completo.

A matar sahio-se do centro da sorte antes de  
 tempo, não sabemos se por não ter confiança na  
 perna enferma (a esquerda) ou se por não ter  
 impedido o irrisorio estoque de madeira que  
 aqui é uso fornecer aos matadores.

Emfim, o certo é que ella não reussiu como  
 devia, mas marcou a morte no lado contrario.

Bandarilhando satisfiz o publico com dois  
 pares a *quiebro* (7), ouvindo muitas palmas.

Seu sobrinho Reverte é valente e arrojado,  
 mas d'ahi não passa, e, como isto não basta, pa-  
 recee-nos que é prematura a noticia da alterna-  
 tiva, que lhes preveem para breve.

Dos nossos, que eram: Theodoro, José Mar-  
 tins, F. Saldanha, Torres Branco, Manoel dos  
 Santos e Thomaz da Rocha, tiveram as honras  
 da tarde os dois ultimos, collocando quatro bo-  
 nissimos pares no 8.º touro. José Martins na  
*brega* andou opportunissimo e muito leal para o  
 seu collega Manuel Casimiro, porque, tendo  
 havido entre elles no dia 29 d'agosto do anno  
 fiado uma grave questio do que resultaram de-  
 ploraveis consequencias, derimidas no tribunal  
 de justiça, o referido bandarilhado evitou ao seu  
 antagonista uma colheida certissima, ao ser per-  
 seguidado pelo 1.º touro da corrida.

Não passou despercebido este facto ao pu-  
 blico, que fez a José Martins uma significativa

Proveem os preciosos Vinhos  
 de Lorianos Ramos Pinto



(A quinzena noticiosa)

manifestação d'aprego, respondendo elle ás felicitações que particularmente lhe dirigiam, que aquella era a sua obrigação.

Dos forçados mencionaremos o *Frestura*, que pagou de costas valentemente, em Agosto, que pagou o 10.º, de cara, com equal valentia. A casa estava cheia e a direcção a cargo de *Pescadero* não teve a aprovação unanime do publico.

E. e'A.

Entre um negociante e seu filho.

—O que é negocio, papa?

—Negocio, meu filho, é o dinheiro dos outros.



—Até os homens! os homens!

Um sujeito entra n'uma barraca de feira, onde uma somnambula faz propheticas. Quer que ella lhe diga o seu futuro.

—Até aos trinta annos, diz-lhe a somnambula, viverá n'uma miseria profunda.

—E depois, depois? pergunta elle cheio de cubia.

—Depois, habitus-se.



—Então, commendador, vai casar sua filha?

Ella é tão nova!

—E' nova, é, mas o casamento é bom!

Calino recebe a noticia de que o seu patrio, que andava viajando, fora mordido por um cão de fila, e morreu logo.

—Meu pobre amo! exclama Calino, que desgracia! e o pisor não é ainda o que lhe succedeu, e o que lhe pôde succeder!

—Como assim? pergunta-lhe um amigo.

—Pois então! redarguiu Calino. Quem sabe e o cão estaria damnado.

## Ainda a questão religiosa

Apareceu affirm o decreto do governo que poz termo a agitação popular, quer queiram ou não os reaccionarios e os radicacs. Esse decreto que foi recebido de lança em riste pela politica, constitue um assignalado triumpho liberal, que espiritos educados e reflectidos não encobrem. A principio houve quem achasse de mais e quem achasse de menos, mas os prudentes, os sensatos, perceberam logo que a verdadeira doutrina, no seculo xix não podia deixar de ser o que estatu o decreto, o qual não permite as congregações religiosas, nem os votos, nem os noviciados, nem os frades, abollidos todos jf pelos decretos de 1833 e 1834, mas permite, como não podia deixar de permitir, exactamente pelo principio liberal que se invoca, as associações religiosas, sobre certas regras e vigilância dos autorisados.

O Governo não podia ir mais longe do que foi, e pôde dizer-se mesmo, no regime liberal-conservador, não havia ministro que fizesse mais do que fez o actual Presidente do Conselho, conselheiro Hiatzo Ribeiro, e poucos haveria mesmo que fizessem outro tanto. O decreto e o relatório que o precedem são documentos juridicos de altissimo valor, pensados maduramente, deduzidos na logica mais concluyente, escriptos brilhantemente. E' uma lei que fica, que nunca mais se revogará, porque constitue em si a melhor das doutrinas; precução sem exagero contra o fanatismo, repressão sem abuso da intolancia, reconhecimento pleno da liberdade de cada um, segundo os direitos e os deveres de todos, em uma palavra—expressão das ordens fradescas e regularisação cívica de todas as associações religiosas de beneficencia ou de missões ultramarinas, as quaes ficarem em vigor, apresentarem a approvação do governo os seus estatutos, que serão publicados no *Diario do Governo* depois de approvados.

A União liberal do Porto dissolveo-se, com o fundamento de que nada mais tinha a fazer. Em contraposição, formou-se na capital uma Junta Liberal presidida pelo ex-Presidente do Conselho José Dias Ferreira e composta de individuos de todas as classes sociais.

Aquella alligura-se nos que fez mal em dissolver-se porque poderia prestar serviços bons á causa liberal mantendo uma vigilância séria para que o decreto seja cumprido rigorosamente. Esta, parece-nos que começou tarde, porque vem quando a agitação vae jf em seu termo e motivo algum aconselha intervenção no assumpto.

Quando o decreto appareceu disse-se que a questão seria levantada no parlamento, primeiro pelo partido progressista que está na opposição, segundo pelos partidarios da reacção e pelos bispos. Nem uma nem outras a levantaram e fizeram bem. A questão religiosa é em todos os paizes uma questão muito séria, para se ir de animo bom acirral-a ou agravál-a.

A opposição parlamentar entendeu que não devia crear no assumpto embarços ao Governo que amanhã poderiam ser embarços para ella. Os prelados pediram o seu protesto n'uma carta aberta ao Chefe do Estado, e esta foi entregue pelo Bispo do Porto ao Presidente do Conselho, que a foi acto continuo levar ao Paço.

Esta carta, redigida, diz-se, pelo Arcebispo de Evora, que é um orador e um escriptor eminente, advoga as congregações religiosas. Foi publicada com assignatura de todos os prelados, excepto dois, discutida pelos jornacs e momentaneamente criticada, mas passou jf em julgado, sem causar a menor agitação. O decreto é bom exactamente por isso, porque contra elle se levantam uns e outros, os dois grupos extremos, os que esquecendo a lei querem transformar o paiz n'uma especie de convento, e os que querem arrastar a nação á anarchia.

Pôde dizer-se que o decreto de 18 de abril matou a questão que a peripécia Calmon provocára.

O Bispo do Porto D. Antonio Barroso tendo ido a Coimbra assistir ao doutoramento do academico José Joaquim de Oliveira Guimarães, foi alvo de uma manifestação hostil, quando se realisava a cerimonia na Sala dos Capellos. Estava discursando o Dr. Mendes dos Remedios, e referia-se aos serviços relevantes prestados pelo Bispo no Ultramar ao paiz, quando se sentiu do lado onde estavam os estudantes um certo ruído de desagrado. O orador continuou traçando a biographia do Bispo, mas o sussurro augmentou. Os lentes levantaram-se todos, havendo alguns, ao que se diz, que saltaram vivas ao Prelado e aos frades. Outros vivas á liberdade se seguiram, e o Dr. Francisco Monteiro, n'um imprompto enérgico recommendou silencio aos estudantes. Findo o tumulto que durou um quarto de hora a cerimonia continuou sem incidente.

E' claro que o caso produziu não só em Coimbra, mas ainda em todo o paiz, a mais sensacional impressão, principalmente por se tratar de um dos prelados mais respeitáveis e de maiores serviços ao paiz. Mandou-se instaurar um inquirito, mas tendo o Bispo pedido para não haver castigo, e tendo-se por sua parte os estudantes declarado solidarios com os manifestantes, é possível que haja a maior benevolencia na repressão do tumulto, que todos lamentam, mas que parece ter sido aggravado pela leviandade de alguns dos lentes.

## O Principe Real

Está fixado o dia 26 para o juramento do Principe Real D. Luiz Filippes, perante as cortes, como herdeiro do throno, devendo no dia 24 haver um grande baile no Paço.

## O negociante preso

O subdito italiano George Mayer, preso a bordo de um vapor allemao a requisição do consul brasileiro, e que desfechou uma revolver contra a cabeça, quando a policia o foi buscar, falleceu na enfermaria da cadeia onde estava detido. A esposa assistiu lhe aos ultimos momentos e acompanhou-o depois, com outra senhora, ao cemiterio.

## A canhoneira Patria

Esta canhoneira que vae ser construida no nosso Arsenal de Marinha, por subscrição publica aberta no Brasil, está dotado de todos os aperfeiçoamentos modernos e do conforto compativel com o pequeno deslocamento. Terá duas machinas, com o vapor fornecido por caldeiras de tubos de agua e o seu armamento será de 3 peças Schneider Canet, de 10 centimetros, 2 peças Hotchkiss, de 65<sup>mm</sup> e 2 de 47<sup>mm</sup>.

## Abalo de terra

Em Lisboa, e outras terras da provincia, especialmente nas do sul do paiz, sentiu-se perto das 3 horas da tarde do dia 28 de abril um tremor de terra de duração de 2 a 3 minutos.

## varias noticias

**Lisboa** — Casaram o sr. José d'Oliveira, empregado do Monte-pio Geral com a sr.ª D. Maria de Castro, filha do solicitador Antonio Porphyrio de Souza Ferreira e Castro, sendo padrinhos os paes da noiva e o irmão do noivo, Abel Garcia d'Oliveira, e o João Antonio de Araújo com a sr.ª D. Theodolina Ursula Campos e Sá, sendo madrinhas as sr.ªs D. Amelia Augusta Cammelluelli Ferreira e D. Emilia Adelaide Pires e padrinhos os sr. Accurcio Ramos e José Antonio de Araújo; o tenente de marinha Romano Vital Gomes com a sr.ª D. Bella Torres, filha do general Frederico Augusto Torres.

— Chegou de Paris o eminente pintor portuguez Souza Pinto, cujos quadros figuraram no Salon.



# O CARTAZ DA QUINZENA



**S. Carlos.**—A orquestra philharmonica de Berlim, que vem dar dois concertos n'este theatro, tem agradado muito na sua tournée pela Europa. Compõe-se de 80 professores sob a direcção de Nikisch, húngaro, que fez a sua educação artistica no conservatorio de Vienna d'Austria.

Para os dois concertos annunciados para as primeiras noites de Maio traz a orquestra o seguinte programma:

Do 1.º — *Ouverture Leonore III*, Beethoven; *Les Preludes*, Liszt; *Symphonie n.º 5*, C. Moll; Beethoven; *r*) Allegro con brio, *d*) *Ouverture, Tannhauser*, Wagner.

Andante, *c*) Allegro; *Waldchen*, Wagner; *Ouverture, Tannhauser*, Wagner.

Do 2.º — *Ouverture Freischütz*, Weber; *Tod und Verklärung*, Sich. Strauss; *Symphonie n.º 5*, E-moll op. 64; Tschaiukowsky; *a*) Andante. Allegro con animo, *b*) Andante cantabile, con alcuna licenza, *c*) Valse. Allegro moderato, *d*) Fiale. Andante maestoso, *Praeludiu*, Adagio, *Gavotte*, Rondó, *J. S. Bach*; *fur Streichorchester, Meistersinger Vorspiel*, Wagner.

**D. Maria.**—Está fechado.

**D. Amelia.**—Debutou a companhia de opereta franceza, que tem duas estrellas: Mariette Sully, uma actriz encantadora, cheia de talento e de brilho, e Madame Cocyette, cantora de boa voz e de esplendida plastica.

A companhia tem dado até hoje, entre outras a *Boneca*, a *Mascotte*, a *Terontique*, a *Filha da Senhora Angol*, a *Bella Helena*.

Para hoje está annunciado *Les Petites Michu*, de André Messager.

Quando a companhia termine os seus espectaculos, volta a companhia Rosas & Brazão que ainda n'esta epoca representará um original de D. João Camara em collaboração com o sr. Delphin Guimarães *A adeta na corte*.

**Trindade.**—Entremando com a magica o *Bico de Papagaio*, vai recordando em beneficio as operetas do seu repertorio.

**Gymnasio.**—Para breve primeira representação de uma comedia, em tres actos, cujo titulo é suggestivo *Viuva, velha e tola*.

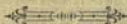
**Rua dos Condes.**—Está fechado.

**Avenida.**—Da as ultimas representações do *Talvez te escreva*, que vai ceder o logar ao *Giroflé-Giroflá* em que Palmyra Bastos tem a parte de protagonista, ora Giroflá, ora Giroflé.

**Príncipe Real.**—Estreou-se ante-hontem uma companhia de zarzuela, que tem artistas de merecimento. Seguir-se-lhe-ha a companhia Taveira.

**Colyseu dos Bercários.**—A companhia lyrica tem tido o maior exito, não só em concorrencia do publico, mas ainda no successo das operas, algumas das quaes são realmente muito bem cantadas como a *Aida*, a *Cavalleria Rusticana*, o *Barbeiro de Sevilha* e outras.

**Real Colyseu.**—Reabriu esta casa de espectaculos que ha muito estava fechada, com a companhia do actor Taveira, do Porto, na *Viajagem do Tio Barrigão*, com musica de Nicolino Milano.



—Subiu 20 réis em kilo o preço da carne de vacca.

—A companhia de opereta dirigida por Souza Bastos parte para o Brazil a 25 de maio.

—Esteve ante-hontem no Tejo o yacht de recreio *Princess Victoria Luise*, trazendo a seu bordo o Principe Jorge, e varias notabilidades allemãs e inglezas. Partiu em janeiro de Hamburgo e ja agora de regresso.

—O conselho de administração da Companhia de Moçambique exonerou de governador dos seus territorios o sr. Meyrelles do Canto e Castro, substituindo-o provisoriamente pelo capitão de engenharia o sr. Trindade, que está servindo como director nas Obras Publicas da Beira.

—Organisou-se uma sociedade de actores e compositores dramaticos, por iniciativa de um grupo de dramaturgos.

**Porto.**—Casaram o sr. Alfredo Duarte do Amaral com a sr.ª D. Laura Fohadella Guimarães, sendo madrinhas a irmã do noivo, D. Elvira Candida Duarte do Amaral e a irmã da noiva D. Maria Emilia Fohadella Guimarães, e padrinhos o pai do noivo e o sr. José de Vasconcellos Monteiro.

—Teve grande successo uma comedia representada pela companhia Rosas & Brazão, e traduzida por Accacio Antunes, ha pouco regressado do Rio de Janeiro, intitulada *Viagem a Turquia*.

—Vae fazer-se no Palacio de Crystal uma exposição de rosas, que abrirá talvez no mez de junho.

—Tem continuado a afluir os donativos para o monumento a Almeida Garrett. A commissão organisadora do bazar tem recebido de todos os pontos do paiz grande numero de prendas.

**Amarante.**—O producto da venda do discurso pronunciado pelo grande orador Dr. Antonio Candido, que foi dado para a misericórdia d'esta villa, já está recebido e vae ser applicado á construção de um anexo ao hospital, para abrigo de doentes entreados ou incuráveis. O engenheiro Antonio da Silva está estudando o terreno e planta para esta obra, cuja iniciativa partiu de uma commissão de cavalheiros da terra.

**Armamar.**—No dia em que completava 3 annos, uma pequena filha do moleiro da ri-

beira de Armamar, André Soccorro, estando a brincar perto de um poço, com uns pannos, perdeu o equilibrio, e a corrente de agua arrastou-a para o cubo morrendo instantaneamente.

**Aveiro.**—João Cosaco Marnoto indo buscar seu filho Angelo á outra margem da ria, n'um pequeno barco, apanhou uma luçada de vento que voltou o bote, e o atirou á agua, desaparecendo logo. O filho, deo o sinistro, atirou-se á ria, mas não conseguiu salvar o pai. O cadaver só depois appareceu. Deixa o infeliz 0 filhos.

**Azambuja.**—Um trabalhador que andava cavando na propriedade do Cunheiro, encontrou uma panela com moedas antigas de ouro, chamadas dobrões. Deu conta e como lhe perguntassem de onde é que ellas lhe tinham vindo, contou que as havia achado, e logo o dono da propriedade tomou conta da panela, lavrando-se o competente auto.

—Ao lavrador José Antunes Perdigão roubaram os gatunos um cavado castanho claro, do valor de 13 libras.

—O filho de ferreiro José Saldanha entalou um dos dedos n'uma engrenagem tendo-lhe sido amputado pela primeira phalange.

**Bombarral.**—Appareceu já o *midium* nas vinhas.

**Coimbra.**—Colhida por um carro de bois, morreu instantaneamente uma criança, filha do fúneiro Manuel Ribeiro.

—Em Sernache fez-se com desusada pompa a festa popular a Nossa Senhora dos Milagres.

—O Dr. Serreas e Silva fez uma conferencia de propaganda contra a tuberculose, tomando a alimentação por thema.

**Ferreira do Alentejo.**—Appareceu arrombada a loja de alfayate de João Francisco Beja, na rua Serpa Pinto, da qual os ladrões roubaram 15 côrtes de fazenda, um capote, um calção de malha, uma fato de fustão branco, e fato diverso, tudo no valor de 120800 réis.

**Ferreira do Zezere.**—Foi encontrado dentro de um poço o cadaver do cantoneiro da camara, José Ribeiro dos Santos.

**Fundão.**—Inaugurou-se a illuminação de gaz acetilene, dando o resultado.

**Guimarães.**—Suicidou-se o negociante de riscados e cutelaria Antonio Dias Salgado, por ter voltado do Porto, sem conseguir vender os productos fabricados. Deixou viuva e 5 filhos.

**Idanha-a-Nova.**—Casou o dr. Manuel da Cordeiro com a sr.ª D. Piedade Lemos Vianna.

**Lousada.**—Passou no dia 25 por este concelho o conselheiro José Gaspar da Rocha Junior, capitalista no Rio de Janeiro e natural da freguezia da Ordem, que visitou. Entregou 400000 réis á junta de parochia para concertos da igreja e ajuda da construção de um cemiterio ha muito em projecto, mas ainda não realisaada por falta de recursos.

**Mafra.**—Antonio Gil Loureiro, casado com Mathilde Luzia, do Freixo Golegão, encontrando em casa deitado na sua cama Antonio d'Avellar, o *Brasileiro*, dos Casaes da Serra, de quem andava desconfiado por fazer a corte á mulher, matou o á paulada, indo depois enterrar o cadaver no quintal anexo á habitação. O assassino e a mulher estaffo presos.

**Montemor-o-Novo.**—Casou em Cabrellos o sr. Francisco Antonio Correia d'Almeida com a sr.ª D. Elisaria Correia Palhava sendo padrinhos os sr. José Antonio Correia de Almeida e Francisco Antonio Correia Palhava.

**Povoas de Santo Adrião.**—Quando tentava tirar com um sacho um regador que cahira dentro do poço da terra que tinha arrendado, o fazendeiro José Joaquim Machado, cahiu á agua, e como ninguem lhe podesse acudir, porque a terra fica distante da povoação, morreu asphyxiado.

Era viuvo, tinha 58 annos, mas estava para casar dentro de oito dias.

**Santarem.**—Casou o sr. João Antonio de Almeida com a sr.ª D. Innocencia Fragoso.

**Serpa.**—Casaram o proprietario José Horta Cano e a sr.ª D. Emygdia Barreira. Foram madrinhas as sr.ªs D. Maria Thomazia Horta Ferreira de Almeida e D. Maria Isabel Barros, e padrinhos os sr. José Domingues e Leopoldo Barreira.

—Inaugurou-se uma exposição de labores e artes, no salão do Gymnasio Club. Além de



grande numero de bordados, veem-se desenhos, photographias, flores, trabalhos de marcenaria, torno, serra mechaca, cutelaria, sapataria, etc.

S. JOÃO D'ARREVIS. — Houve um violento incendio em casa do trabalhador Julio, conhecido pelo *Padre Julio*, o qual ficou horrivelmente queimado, tendo sido salvo pelo capateiro Antonio Corraia, pelo telhado do prédio.

VILLY REVL. — O capitalista José Augusto de Barros distribuiu, por alma de sua mulher, fidejucida ha pouco, 500,000 réis ao hospital, 500,000 réis ao asylo da infancia desvalida, 50,000 réis ao Asylo das crianças pobres, 50,000 réis ás irmãs da caridade e 100,000 réis á irmandade do Carmo.

### Fallecimentos

Falleceram de 16 a 30 de abril:  
 Em Lapa: D. Bernardina da Conceição Silva, D. Henriqueta Maria Rodrigues, José Antonio da Silva, D. Carlota Moura dos Prazeres Nunes, D. Maria Jose da Gloria Costa, D. Maria do brigadeiro Antonio Telles, Manuel Duarte, Antonio da Silva Norci e D. Constança de Jesus Maria (único, Manuel Francisco das Neves, Elias Thomas de Rocha, Damiano Ignacio, Carlos e contrahentes de comendas de capadores 2, Manuel Pisco, D. Maria Luiza Diniz Ribeiro, D. Joanna da Conceição Ribeiro, D. Maria da Conceição Pereira Azevedo, João Augusto de Sousa, D. Leopoldina Maria Amalia da Conceição Nogueira, Miguel Couto, Alexandre José Chiratti, da Silva, Henrique Miguel, Vicente Bastião Pires, D. Augusta Alves Marques, o general reformado José Antonio Malhães de Almeida e S. o cabo reservista Manuel Thomaz, Alde de Oliveira Baptista, José Moura Lopes, D. Maria Alexandrina Lopes, D. Anna da Fátima Perestrello da Camara Bettencourt, D. Carolina Anselma Bareiros Costa, José Fernandes dos Anjos, D. Maria-Santa, Antonio Alves Pinto, Anna d'Assumpção, Maria do Carmo Gonçalves Pereira, a mezenha Raymonda da Nazareth Bessa de Moraes, D. Maria Adelaide Bastos, Francisco Antonio Furtado Lucas, José Velaz Corvelo Junco, D. Felicidade Michell Simões, D. Maria Alexandrina dos Santos, Lino Gil da Silveira, D. Venâncio Rita de Lencastre e S. o capitão reformado Antonio de Albuquerque Cardoso, D. Azeina Coelho Rodrigues, D. Maria Domingos d'Oliveira, D. Maria José Franco, José Bento Azevi, Joaquim Miguel, Gervasio, D. Maria-Santa da Conceição Ayres, Miguel Couto.

No Porto: D. Rita de Oliveira Bandeira, D. Maria Joaquina Rodrigues, José da Rocha Freitas, D. Theresia Osorio, D. Maria do Gley Verney Silva, D. Maria Jose, D. Rosa da Pauleira, Antonio Sequeira, D. Helena de Oliveira Brito, Joaquim, Miguel, Gervasio, D. Maria-Santa da Conceição Ayres, Miguel Couto.

No Rio de Janeiro: D. Maria Joaquina Rodrigues, José da Rocha Freitas, D. Theresia Osorio, D. Maria do Gley Verney Silva, D. Maria Jose, D. Rosa da Pauleira, Antonio Sequeira, D. Helena de Oliveira Brito, Joaquim, Miguel, Gervasio, D. Maria-Santa da Conceição Ayres, Miguel Couto.

Em Coimbra: Antonio Braga, Julio Augusto da Fonseca, Henrique de Melchior, José da Cruz, propretario.

Em Lamego: Antonio Braga, Julio Augusto da Fonseca, Henrique de Melchior, José da Cruz, propretario.

Em Lamego: Lino de Azevedo Picheiro.

No Vimieiro: Joanna Maria Galvão.

Em Albergaria: a filha Francisco Luz Ferreira da Silva, Vicente José de Almeida, José Maria Ferreira

Em Bhamo: o leproso Manuel Basterio.

Na Charneca: José Fernandes Carvalho.

Em Tondela: José Ferreira de Sequeira.

Na Figueira da Foz: D. Elizabeth Cardoso.

Em Lousã: José Joaquim de Azevedo.

Em Mangualde: Joaquim Rodrigues Casaco.

Em Leiria de Bão: D. Margarida Alves de Mesquita Leite.

Em Valença: D. Carlota Piedra de Bastos Vianna.

No Povo de Varzim: D. Clara de Lins Monteiro, natural do Rio Grande de São Paulo.

Em Cascaes: Eduardo Augusto d'Assumpção Corraia.

Na Guarita: José Balbino.

Em Braga: D. Maria José dos Santos, o abade de Santa Martha de Barro, João Manuel de Sousa, D. Joanna Maria, o capitalista Antonio da Silva Arantes.

Em Setúbal: o industrial João Manuel Cardim, Cavallero Pareda Soares.

No Povoação: D. Maria José de Castro.

Em Gorache: Antonio Alves Pinto.

Em Guimarães: Antonio Mello da Silva.

No Povo de Varzim: Antonio José Ribeiro de Andrade.

Em Alfego: D. Antonio.

Em Ovar: D. Dr. Manuel de Oliveira Arocha e Costa, anti-o capiteiro.

Em Moura: José da Costa Figueiredo.

Em Paço d'Arco: Joaquim dos Santos Vieira, D. Marcolino Rosa.

Em Pinheiro de Lousã: José Rodrigues Machado.

Em Guimarães: Francisco Ribeiro Guimarães.

Em Caboverde de Berto: Pedro Maria Vieira.

Em Alfego: Jac. Jac. Fernandes da Costa Moura.

Em Faro: Manuel Aivar Wemholtz, antigo deputado e reitor do Lyceu.

Em Villa Franca: Victor Antonio dos Santos, conde e rein-  
 te D. Josepha Inocenciana, D. Silva.

Em Cascaes: D. Ricardo Reis d'Oliveira.

Em Lamego: o general reformado José Joaquim Basterio.

Em Santarém: o advogado proprietario José Fernandes Carvalho.

A viscondessa A. recebe a visita de uma de suas antepassadas.

— Já jantaste!

— Já.

— Ora que ferro Para a outra vez espero que venhas jantar.

Vinte dias depois:

— Já jantaste!

— Não, hoje não jantamos.

— Ora, fazes bem mal em jantar tão tarde. Isso escangalha o estomago.

## QUEIMADO VIVO OU MORDIDO POR COBRAS

Permittam-me que lhes conte, dizia-nos Jack Fay, um dos mais destemidos aventureiros da America do Norte, o que foi um quarto de hora que passei ao pé d'uma caldeira em terrivel companhia.

Tinha então dezeseis annos. Meu pae acabava de comprar uma serraria isolada nas florestas da Luisiana. O inverno findára. A estação era rude. Chuvas violentas haviam feito covas no chão, que, em varios sitios, desaparecia sob verdadeiros pantanos.

«Não tínhamos, porém, tempo a perder. Era necessario apressarmo-nos em pôr a serraria em movimento; começar o trabalho para fazer face aos nossos desembolsos.

«Os primeiros dias foram destinados a reparar a machina, a limpar a caldeira, a examinar osapparehos. Finalmente, quando tudo estava prompto, decidu-se accender a caldeira. Foi para mim um motivo de grande rejoiço.

«Estes preparativos, este movimento, esta actividade, alegravam-me e bromentavam-me.

«Quereria ser tudo. Com uma camisa de flanela vestida, as calças dentro de umas botas de borracha, permittim-me acompanhar o engenheiro, Casey, á casa da machina.

«Quando a caldeira estava já em ebulição, Casey foi obrigado a sair.

«Estes preparativos, este movimento, esta actividade, alegravam-me e bromentavam-me.

«Quereria ser tudo. Com uma camisa de flanela vestida, as calças dentro de umas botas de borracha, permittim-me acompanhar o engenheiro, Casey, á casa da machina.

«Quando a caldeira estava já em ebulição, Casey foi obrigado a sair.

«Estes preparativos, este movimento, esta actividade, alegravam-me e bromentavam-me.

«Quereria ser tudo. Com uma camisa de flanela vestida, as calças dentro de umas botas de borracha, permittim-me acompanhar o engenheiro, Casey, á casa da machina.

«Quando a caldeira estava já em ebulição, Casey foi obrigado a sair.

«Estes preparativos, este movimento, esta actividade, alegravam-me e bromentavam-me.

«Quereria ser tudo. Com uma camisa de flanela vestida, as calças dentro de umas botas de borracha, permittim-me acompanhar o engenheiro, Casey, á casa da machina.

«Quando a caldeira estava já em ebulição, Casey foi obrigado a sair.

«Estes preparativos, este movimento, esta actividade, alegravam-me e bromentavam-me.

«Quereria ser tudo. Com uma camisa de flanela vestida, as calças dentro de umas botas de borracha, permittim-me acompanhar o engenheiro, Casey, á casa da machina.

«Quando a caldeira estava já em ebulição, Casey foi obrigado a sair.

«O calor, porém, havia-se a pouco e pouco accordado do somno lethargico em que estavam immergidas pelo habito da zafura estação. Sahiam do seu esconderijo, agoufadas, furiosas. Caminhei sobre um d'esses reptis ainda, felizmente, adormecido. Outro no chão implicava commigo; o brilho dos seus olhos ultrapassava a escuridão; adivinhava os seus ferrões plenos de veneno.

«Entre dois perigos, era conveniente ir pelo peor. Antes d'isso, porém, competia-me o desembarcar-me dos meus horribicos companheiros de captivoero Peguei em uma barra de ferro que, por um acaso providencial, fora espedida e costada á parede. Foi a minha salvação. Com uma barra de ferro á immensa altura da minha cava, dei uma pancada na cabeça do reptil que estava ante mim. Ao mesmo tempo esmagava outra sob os tacões das enormes botas.

«Não tive tempo de regosijar pela minha victoria. As vibrações da caldeira tornavam-se cada vez mais ensurdecedoras. A agua a ferver saia em borbotões desordenados, fazia um estrondo louco. O vapor, não tendo por onde sair, prancia prestes a fazer rebentar tudo. Em dois pulos estava na escada, que me separava da valvula de segurança. Uma horrirol surpresa me esperava. Todos os tramites porque passava não eram nada á vista d'aquella de que tive revelação.

«Fiossa, dardejando sobre mim uns olhos raiantes, dolorosa de soffrimento, torcendo os aneis com uma rapidez sufficiente para me dar uma vertigem — uma cobra, uma terceira cobra — mais corpulenta do que as duas outras! — surgiu repentina ante minha vista. Era ella a causa de todo o mal. O estúpido reptil enrolava-se ao torno da valvula. Desde então o vapor não achava saída. Elle reptava á minha vítima d'essa maldita inspiração! O contacto effervescente do metal tornava-o. A medida que augmentava a pressão do vapor a valvula ia esforçando-se por se levantar; á medida que sentia a pressão da valvula o reptil movia-se apertando com mais energia os aneis. Quem sabia vencer neste d'uello de novo genero?

«Quanto tempo duraria ainda? Nesta occasião os meus olhos encontravam-se com o manometro. Marcava 24 atmospheras! Nunca homem alguma leu tão explicitamente a sua sentença no quadrante da morte.

«Depressa tomei expediente. Era necessario a toda a custo abrir a valvula. Deu-se, pois, a preferir as iras do reptil. Aproximem-se, provoque-o com a barra de ferro; depressa vi os seus olhos fixarem-se em mim, todo o seu corpo alongar-se em um esforço de que era o alvo... Estava angustiado, anhelante n'este momento. Chamei á mim todas as energias do meu ser, que lá lançara sobre mim o meu mortal inimigo...

«Tive só força para lhe esmagar a cabeça; ao mesmo tempo ouvi o ruído que lhe caia no chão e o silvo do vapor, que livre, enfim, saia com força. Não dei conta de mais nada.

«Agora que estavam salvos a energia de que dera uma tão grande mostra, abandonou-me de repente. Alguns momentos mais tarde voltei a mim, no chão, esvaído, no meio dos cadaveres dos meus tres inimigos.

«Quando Jack terminou a narração fez uma pausa e retomou a palavra:

«Desde então tenho-me visto em lances terríveis. Nada d'isso necessario na vida como ter conhecido, ao menos, uma vez o perigo nas circumstancias em que fiquei corrouado para o futuro.»

(Trad. de Far-West.)

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

«Tive só força para lhe esmagar a cabeça; ao mesmo tempo ouvi o ruído que lhe caia no chão e o silvo do vapor, que livre, enfim, saia com força. Não dei conta de mais nada.

«Agora que estavam salvos a energia de que dera uma tão grande mostra, abandonou-me de repente. Alguns momentos mais tarde voltei a mim, no chão, esvaído, no meio dos cadaveres dos meus tres inimigos.

«Quando Jack terminou a narração fez uma pausa e retomou a palavra:

«Desde então tenho-me visto em lances terríveis. Nada d'isso necessario na vida como ter conhecido, ao menos, uma vez o perigo nas circumstancias em que fiquei corrouado para o futuro.»

«Tive só força para lhe esmagar a cabeça; ao mesmo tempo ouvi o ruído que lhe caia no chão e o silvo do vapor, que livre, enfim, saia com força. Não dei conta de mais nada.

«Agora que estavam salvos a energia de que dera uma tão grande mostra, abandonou-me de repente. Alguns momentos mais tarde voltei a mim, no chão, esvaído, no meio dos cadaveres dos meus tres inimigos.

«Quando Jack terminou a narração fez uma pausa e retomou a palavra:

«Desde então tenho-me visto em lances terríveis. Nada d'isso necessario na vida como ter conhecido, ao menos, uma vez o perigo nas circumstancias em que fiquei corrouado para o futuro.»



Perez Galdós

## O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

V

Trabalho — Paisagem — Figura

Mas o tablado tinha a forma de um d'esses bonets dos noivos antigos, e a face fronteira abria-se uma fresta igual ás das aguas furtadas, que, sem grande esforço, se poderia comparar a uma bórta. Esta figura immobilizada ficára incompleta. Faltava-lhe uma orelha: só tinha uma chaminé... Não era necessario ser grande physionomista para logo á primeira vista se calcular que aquella casa respirava paz, revelava um bem-estar absoluto e reflectia uma consciencia immaculada. Dava accesso para a casa um pateo pequeno, fechado por uma palçada, e pela direita estendia-se uma horta.

Quando Nela entrou saíam as vacas a pastar. A rapariguita trocou algumas palavras com o guardador, um rapagão formidável... de um metro de altura e dez annos de idade, e em seguida dirigiu-se ao encontro de um homem obeso, de grandes bigodes, eabellos grisalhos, tez vermelha e rosto sympathico, olhar atfavel, e aspecto meo de soldado, meo de camponez, que momentos antes apparecera em mangas de camisa, mostrando nus áos cotovellos os braços musculosos e cabelludos. Mal a viu, voltou-se para dentro da casa e bradou:

Aqui tens a Nela, filho!

Imediatamente saiu um rapaz — estatua do mais puro barro humano, grave, desempenado, cabeça direita e olhos parados e fixos nas orbitas, como lentes expostas n'uma montra. A cara parecia de marfim trabalhado com peregrina figura, e, não obstante a suavidade d'aquelles traços feminis, havia n'elles um accentuado tom varonil alliado a essa perfeição de corte e de desenho, que tornou celebres os mestres da Grecia. E os olhos ornamentos de esculturas, pois que lhes faltava a luz, eram formosissimos, grandes e rasgados. Mas essa belleza diminua a a fixidez reveladora das eternas trevas.

Inexpressivo, aquelle rosto de Antinous cego tinha a fria impassibilidade do mármore, pelo genio e pelo cinzel transformado em estatua, e animado pela vida vital. Um sopro, um riuo de luz, uma sensação, bastavam para animar aquella serenidade de pedra, já revestida de tons das galas da fórma, mas a que faltava a consciencia da propria belleza, consciencia que a faculdade de conhecer o mundo exterior desperta.

Teria vinte annos, quando muito. Corpo solido e svelte, admiravelmente proporcionado, digno pedestal da sua bella cabeça. Nunca a natureza produzia fórmas humanas tão erradamente creadas — de uma parte dons preciosos, da outra a privação absoluta d'essa faculdade, que directamente nos põe em contacto com o maravilhoso conjunto dos seres creados. E por esse erro inutilisava-se toda aquella prodigialissima belleza, como se inutilisariam todas as cousas creadas, se a luz não viesse dissipar as sombras. E tanto mais se esse erro, quando aquelle rapaz fóra dotado por intensa luz interior, por uma intelligencia facil, clara. Tristissima condição aquella! Tinha a ancía de saber e não comprehenderia nunca a idéa visivel, que é a fórma, elle que era ideal como um anjo, bello como um homem, cego como um vegetal! Debalde tentaremos perscrutar o segredo d'estas tremendas incorrecções. Houvessemos o poder de deificar, e de purificar, e se abriam as portas que occultam todos os mysterios primordiais da ordem physica e moral, far-se-ia luz sobre o grande enigma da fatalidade, do mal, da morte, e meditaríamos em toda a extensão a sombra, que perpetuamente segue collada ao bem e á vida.

D. Francisco Penáguilas, pae do cego, era um homem mais do que bom, o melhor dos homens de alma rasgada, affável, honrado, magnanimo e instruido. Não conhecia inimigos. Respetavam-o todos os lavradores ricos da provincia, e mais de uma questão se harmonisou pela intervenção intelligente do senhor de Aldeacorda de Suño, como lhe chamavam. N'aquelle mesma casa nasceu. Muito novo ainda partiu

para a America, mas regressou pobre de lá. Sentou então praça na guarda civil. Mais tarde retirou-se para a sua aldeia, para se dedicar á agricultura e criação de gados. Uma herança equilibrou-lhe as finanças, e pouco annos da época em que se passam os acontecimentos que narroumos, recebeu outro legado importante. Sua mulher, que era andaluz, morreu annos antes, deixando-lhe apenas, um filho, esse cego, inermemente cego. Foi o desgosto que mais amargou a vida de D. Francisco: Que lhe importavam riquezas e prosperidades? Para que as queria, se o seu herdeiro não veria nunca nem os rebanhos, nem os prados fertes, nem os celarios fartos, nem os pomares carregados de fructos? Daria ao filho os seus proprios olhos e ficaria elle cego para o resto da sua vida, se tal generosidade não fosse pôr em pratica. Infelizmente não pôdia realizar esse generoso impulso de abnegação. Proporcionava, pois, ao infeliz rapaz, tudo quanto podesse recrear o, e adivinhava-lhe os pensamentos. Eram para elle todos os cuidados e delicadezas, de que só as mães possuem o segredo.

Nunca contrariava o filho nos seus desejos. Entreteinha-o e o espirito com leituras amenas de contos e historietas. Cuidava com solitudine d'quelle saude preciosa, inventava distracções e prazeres, e seguia de perto a sua instrucção e educação christá. Severo observador dos principios religiosos, o sr. de Penáguilas tinha como estribillo esta phrase: «Não quero que meu filho seja duas vezes cego».

N'esse dia, vendo-o sair acompanhado por Nela, disse-lhe carinhosamente:

— Não vão para muito longe, e não de andar depressa. Ouviram? Adeus e juizo!

E ficou-se um instante entre portas a vê-lo, até os perder de vista, n'uma curva do caminho. Depois entrou em casa. Tinha tanto que fazer: Esperar ao irmão, mandar ordenhar uma vacca, podar arvores e verificar se a gallinha malhada puzera n'essa manhã...

VI

## Futilidades

Paulo e Marienela foram andando, precedidos por Choto, que se vinha aos saltos, lambendo os mãos do cego e do seu guia.

— Que lindo dia o de hoje, Nela! disse Paulo. Corre uma aragem suave e fresca e o calor do sol não queima. Para onde vamos?

— Vamos por ahí fóra, por esses campos, respondeu ella, mettendo a mão no bolso do casaco do cego. Sempre quero vêr o que me trouxeste hoje.

— Procura, que has-de encontrar, disse elle rindo.

— Ah! louvado seja Deus! Chocolate crú... nozes... e um embrulho de papel...

— Para onde vamos, afinal?

— Para onde quizeres, meu querido menino do meu coração, respondeu ella pulando de contente e tremendo o bolo do embrulho. E só pedir por bocca, senhor rei do mundo!

Brihavam de alegria os olhos negros de Nela, e a sua cabeçinha de avesta inquieta movia-se em ademanes graciosos. Aquella creança debil, de corpo tão pequeno, que parecia mal ter espaço para lhe albergar a alma, transformava-se quando se achava a sós com o cego. Junto de elle era outra, e revelavam-se então abertamente todas as qualidades da percepção, sensibilidade, espirito, viveza e phantasia. Separavam-se e tudo isso desaparecia, como se sobre ella se fechassem as portas de um carcere.

— Pois eu digo que iremos para onde tu quizeres, tornou Paulo. Gosto de obedecer te. Que te parece a matta que há para lá de Salvedro?

— Pois vamos á matta! exclamou ella batendo nas palmas. Descançaremos pelo caminho. E vamos de vagar, que ninguém corre atraz de nós.

— Que bello sitio o da fonte, Nela! Sabes? E' onde há uns grandes troncos de arvores, que parecem terem sido postos lá para nos sentarmos, e onde cantam tantos passinhos. E' um verdadeiro paraizo!

— E. havemos de passar ao pé do moinho, aquelle que tu dizes que fala mastigando palavras como os borrachos. Ah! que dia tão bonito e como eu estou contente!

— Brihla muito o sol, Nela? Brihlar... Sei eu o que isso significa? ... brihlar...

— Deixa lá o sol. Que te importa o sol. E' feio a valer! Só a gente nem pôde olhar para elle!

— Porquê?

— Porque faz doer.

— Doer o quê?

— Os olhos. Que sentes tu quando estás doer?

— Queres dizer quando o estou só contigo no campo?

— Sim.

— N'esses momentos sinto que me invade uma grande frescura, uma suavidade muito doce...

— Pois é assim mesmo que o sol brihla.

— Com frescura?

— Não, homem.

— Então com quê?

— Com isso.

— Com isso? isso quê?

— Isso, repetiu ella insistindo.

— Gostas afinal que nem tu sabes explicar, Nela. Sabes como eu noutro tempo imaginava que era a noite, e o dia? Era dia quando as pessoas falavam; era noite quando todos se calavam e só se ouvia o cantar dos gallos. Hoje não. Hoje é dia quando estamos juntos, e é noite quando nós separamos.

— Virgem Santissima! exclamou Nela, atirando para traz os cabellos soltos, que lhe cobriam a testa. A mim, que tenho olhos, parece-me o mesmo.

— Hei-de pedir a meu pae que te deixe viver em nossa casa para nunca te separares de mim.

— Deveras?! deveras?! fez ella, tornando a bater as palmas.

E, agarrando as saias com as mãos ambas, pôz-se a dançar.

— Que fazes tu, doida!

— Bailo. Se é tão grande a minha alegria!

— Como chegassem á beira de um fio, Nela deu a mão ao cego para o guiar, e assim seguiram juntos por uma azinhaga, ladeada de trepadeiras e espinheiros. Nela ia adiante, afastando os ramos soltos. Desceram ao fundo do vale e subiram depois a encosta opposta por entre frondosos castanheiros e nogueiras sombrias.

— Sentemo-nos, Nela. Queres? disse Paulo ao chegar ao topo do cerro. Ouço passos.

— São os aldeões que voltam do mercado de Homenes. Não sabes que hoje é quarta-feira?

A estrada passa ahí adiante. Sentemo-nos.

— Aqui, Choto. E os tres sentaram-se na relva.

— Ih! quantas flores! exclamou Nela. E todas tão bonitas!

— Colhe-as, Nela. Não as vejo, mas gosto d'ellas. Imagino ás vezes que me falam.

— Essa agora!

— Que queres? Tendo-as na mão, parece que me segredam... não posso dizer-te como... que são formosas. E cá dentro ha uma coisa, não sei o quê, que responde a essa linguagem muda. Ahgura-se-me que vejo por dentro. Percebes?

— Percebo muito bem. Todos nós temos isso cá por dentro. O sol, as hervinhas, a lua, o ceu azul, todo cheio de estrellas, tudo isso está dentro de nós. Quero dizer que afóra as cousas divinas que a gente vê por fóra, ha outras que a gente vê por dentro... Ora ahí está. Aqui tens as flores... e uma, duas, tres, quatro, cinco, seis, e todas diferentes. Aposto que não sabes o que são as flores?

— As flores, respondeu o cego a meia voz, acercando-se do rosto, só uma especie de sorrisos, que siem da terra... Conheço tão pouco o reino vegetal...

— Louvado seja Deus! Muito atrazado estás! exclamou Nela, pegando-lhe nas mãos. As flores são as estrellas da terra, homem!

— Que disparate! E as estrellas o que são?

— As estrellas são os olhares dos que subiram ao ceu.

— De modo que as flores...

— São os olhares dos que morreram e que ainda não chegaram lá acima, respondeu Nela com a convicção de um sabio. Os mortos são enterrados na terra, e como lá debaixo não podem vêr o que se passa cá em cima, deitam de si uma coisa que sobe em fórma de fôr. Quando n'um campo nascem muitas flores é porque em tempos antigos enterraram muitos defuntos n'esse campo.

— Lendas, Nela, tudo lendas. A nossa religião ensina-nos que o espirito se separa da materia e que a vida mortal acaba. O que desce á terra não é mais que um despojo inerte, que não pensa, não sente, e não vê.

— Mentiras dos vivos, como diz a sôr Anna

(Continua)





# ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa com grande desconto

→ Sempre as ultimas novidades ←

RUA DO ALECRIM, 111, 1.

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

## ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILLUSTRADA

Actual-se publicado a 1.º volume. Preço em todo o Brasil (moeda brasileira) broch. 35\$000 réis, enc. 40\$000 réis. Assinatura permanente. — Publicação de uma enciclopedia mensal ao preço de 2\$000 réis franco de porte.

EDITORES: **LEMONS & C.º** successores  
Largo de S. Domingos, 63. — PORTO  
AGENTES NO RIO DE JANEIRO

**A. Mascarenhas & C.º** — Rua da Quitanda, 38  
Agente geral no Brasil: Luis Guedes d'Amorim  
CAPITAL DO ESTADO DE COYAZ

## DICIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direcção de MAXIMIANO LEMOS

Lento da Escola Real-Graecia de Porto

Com a collaboração efectiva de dr. Adriano Antunes de Sousa Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Pereira da Silva, D. Antonio Barroso, A. A. Costa Ferreira, Bento Carqueja, Sousa Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, Edeário Sequeira, Ernesto Maia, Firmino Pereira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco da Paula Glá, Francisco de Azevedo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Faria, Jayme Filinto, dr. João Paiva, Joaquim A. Cambezes, José Candido Correia, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Bruno), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luiz Viegas, M. d'Oliveira Ramos, Nuno Queiroz, Paulo Marcellino Dias Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frias, Simas Machado, Theophilo Braga, Valentin de Magalhães, cons. Wenceslau de Lima.

## Agencia Financial DE PORTUGAL

Rua General Camara — RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortizavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

### Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitais de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

### O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

## JOÃO BASTOS & C.ª

### COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.º

## Ao Bazar da Indústria

TAVEIRA BARBOZA & C.º

L. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42 — Caixa Postal n.º 487 — BRASIL — PARA

Completo sortimento de artigos para occipitório, papeterias, livros em branco, chapéus, barretes, cordões para violão. Resaltes. Galões de musicas. Roupas feitas, postumarias, lubrificantes. Gama de viagens, bilisacos, artigos para promozas.

### GRAND RAYON DE MUIDEZAS

O systema de vender tudo com pouco lucro é applicado ao Bazar da Indústria.

Vendas por atacado e a retalho



## ALBINO JOSÉ BAPTISTA — LISBOA — O 92 da Rua Nova do Almada

tem sempre grande sortimento de chapéus para sol ou chuva, em todas as qualidades, assim como bengalás, leques, perfumarias e artigos de novidade. Esta casa é a primeira no seu genero em servir bem e por pouco dinheiro. Nenhum viajante deixe visitar esta casa.

## Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santo Antonio da 56, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2, de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente a juro de 3 1/2 e commissão de 1/2, de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou a ordem, vencendo 3 1/2 a 6 annos, ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 1/2 ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.





## PERNAMBUCO PENSÃO DERBY

Hotel instalado com todo o conforto moderno n'um dos pontos mais pittorescos e saudáveis de Pernambuco.

60 salas e quartos. Salão de visitas e de leitura. Banhos em todos os andares. Luz electrica. Cozinha superior e vinhos es-cottidos. Grande salão de bilhares. Jogo da bola. Botes para passeio. etc., etc.

PREÇOS MODICOS

GERENTE — ISAAC ALVAREZ Y RODRIGUEZ

Endereço: telegraphico-DERBY. Caixa do correio, n.º 183. O Bond do Derby para a porta do Pensão.



### Bilhares de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

**MONARCH**

Pannos, Tacos, Bóllas e todos os accesorios

Jogos diversos de novidade—Cartas.  
Tentos e Fizas para todos os jogos

Viuva de José Alexandre de Senna

88 — Rua Nova do Almada — 38

CASA FUNDADA EM 1834

LISBOA

Façam o catálogo illustrado



### LA UNION Y EL PRINX ESPAÑOL

Capital social 5.000.000.000 rs.

13.000.000.000 reis

De sistema pago desde 1904 até 1906

PREMIOS E RESERVAS 3.000.000.000

Seguros contra incêndio, explosão de gas  
ou raios

Equator Atlantique & Union Maritime

Companhias Françoizas contra os riscos marítimos  
e riscos de transporte de qualquer natureza

DIRECTORES — Lima Mayor & Filles  
Lisboa — Rua do Prato, 50, 2.º

### HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

7, Rua das Flores — Largo do Quintella

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, oferece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

## LA BÉGARRE

F. CARNEIRO & C.ª

### PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escriptorio. Objectos artisticos para brindes. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada. 47 e 49 — LISBOA.

### Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO & C.ª — Rua de S. Paulo, 216, 2.ª — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 878

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos de sempre, em todos os trabalhos.

Execução perfeita.

Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Geréz, e construido de proposito para o fim a que se dedica possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excellento parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras, cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma distração como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia pôde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GERÉZ:

Maria N. M. Salgado

EM LISBOA:

Casa dos Oito Globos

Rua Augusta, 286





# V.ª WENCESLAU GUIMARÃES & C.ª

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas  
Wenceslau Rio

Caixa do correio  
N.º 272

R. General Camara, 17

RIO DE JANEIRO

## CANDIEIROS

« Em todos os generos »

Sanalizações para agua e gar

—  
Tubos de chumbo,  
borracha, lona, latão e ferro.  
Louça de ferro esmaltado.  
Retretes de varios systems  
Objectos  
proprios para brindes

Gasa José d'Oliveira

21, 23, L. S. DOMINGOS, 23, 24

LISBOA

Livros e modas PEREIRA & SILVA

PARÁ — R. Cons.ª João Alfredo, 23

Letras amarelas

Sertimento completo de livros de  
literatura, direito, instrucção, etc.

—  
FURNITURES DE ESCRITÓRIO  
—  
Preços sem competencia  
Endereço telegraphico Moderno.

CEGAR A. PAIVA

CIRURGIA DENTISTA

SUAS Magestades e Altezas

CONSULTORIO

R. do Arsenal, 100, 1.ª

LISBOA

## Elixir Anti-Epidermico Beirão

Approvado pela Inspectoria de Hygiene

### do PARÁ

Preservativo e curativo da febre amarella,  
cholera, febres intermittentes, bexigas, typho,  
dysenteria, bérberri e influenza

Nenhum viajante e todos os que comprehendem a necessidade da conservação da saúde pelos meios hygienicos, e antisepticos, devem internar-se nas florestas ou percorrer as regiões inexploradas em grande parte miasmaticas, sem esquecer de alguns vidrinhos, do Elixir anti-epidemico Beirão, é a mais segura garantia da conservação da vida e da saúde: levam consigo a certeza de regressarem milagrosamente salvos ao seio da familia, o que infelizmente não acontece a centenas de imprudentes que não tomam esta acertada e simples medida preventiva. As pessoas adultas que no estado de boa saúde tomarem todas as manhãs e todas as noites uma colher de sopa do Elixir anti-epidemico Beirão estão isentas das graves molestias endemicas produzidas pelos fermentos miasmaticos, e particularmente das febres intermittentes, febre amarella, bexigas, cholera asiatico, vomito preto, typho dysenteria, pustula maligna, escarlatina, group, bérberri e influenza.

Indispensavel aos recém-chegados, deposito

DROGARIA BEIRÃO

DE  
CARVALHO LEITE & C.ª

103, Rua do Conselheiro João Alfredo, 103—PARÁ

VINHOS VELHOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

Londres, 1862; Bocho, 1873 e Wacia 1874 e 1876

ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos

REGISTRADA FUNDADA EM 1845

MARCA DE COMMERÇIO  
Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, roilhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM  
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto

## COMPANHIA

## PHENIX PERNAMBUCANA

(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

DIRECTORIA  
Dr. Manoel Gomes Matta  
Joaquim Dias Fernandes  
Luiz Duprat

SEDE: RECIFE—RUA DO COMMERCIO, 46

PERNAMBUCO

AGENCIA CENTRAL

DE

JOSÉ LOPES PEREIRA

Agente de leilões

Encarrega-se de vendas em leilão, de predios, titulos das dividas publicas; geraes e do Estado, terrenos, acções de Bancos e Companhias, Cambiaes, Hypothecas, etc., etc.; assim como recebe ordens para fazer leilões em casas commerciaes, particulares e em sua agencia

á Rua 13 de Maio, 71. PARÁ

(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)

Telephona n.º 340

Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites  
Portuguezes

ENDER. TELEGR. «Aida»

C. do Correio 213

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões  
Com atelier de vestidos e alfayata

— ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO —

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadilhas de Santa Justa